



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

BEATRIZ LOPES NERI

MODERNIDADE E EXTREMA-DIREITA:
O ENCONTRO ENTRE AS NARRATIVAS DAS MILÍCIAS E DONALD TRUMP

São Cristóvão
Fevereiro, 2026

BEATRIZ LOPES NERI

MODERNIDADE E EXTREMA-DIREITA:
O ENCONTRO ENTRE AS NARRATIVAS DAS MILÍCIAS E DONALD TRUMP

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof.^o Dr.^o Cairo Gabriel Borges Junqueira

São Cristóvão
Fevereiro, 2026

MODERNIDADE E EXTREMA-DIREITA:
O ENCONTRO ENTRE AS NARRATIVAS DAS MILÍCIAS E DONALD TRUMP

BEATRIZ LOPES NERI

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Departamento de Relações
Internacionais da Universidade Federal de
Sergipe como requisito para obtenção do grau
de Bacharel em Relações Internacionais.

Nota: _____

Data de apresentação: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cairo Gabriel Borges Junqueira
(Orientador)

Prof. Dr. André Leite Araújo
(Membro convidado- Externo)

Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de Campos
(Membro convidado- Interno)

"You better cool it off before you burn it out, you've got so much to do (...) when will you
realize Vienna waits for you"

Billy Joel

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus pais, que me deram o maior suporte possível, desde quando souberam que sua filha iria se mudar para tão longe deles, apesar de ser apenas uma fronteira de distância e para fazer um curso que sequer sabiam que existia. Muito obrigada pela confiança, e por sempre deixarem claro que, independente das minhas escolhas, eu sempre teria o apoio de vocês. Agradeço também a todos os parentes que me incentivaram a continuar, apesar da distância e das dificuldades. Voltar para casa e perceber que vocês torciam por mim fez com que parte desse caminho fosse mais leve. Amo vocês infinitamente.

Agradeço aos professores que estiveram ao meu lado durante essa jornada acadêmica. Ao professor Cairo Junqueira, que além de ter sido um professor maravilhoso durante a graduação, me acolheu no meio de um furacão e me guiou durante essa reta final. E claro, agradeço imensamente a professora Bárbara Motta por ter apresentado esse tema que me fascinou desde o início e por ter sido uma ótima orientadora, tanto na iniciação científica, como durante meu projeto de pesquisa. Muito obrigada por ter me apresentado as belezas, os esforços e as conquistas de ser uma pesquisadora.

Agradeço aos meus amigos de Salvador, que mesmo de longe, torceram por mim, pelo meu retorno, pelas minhas conquistas e pelo meu bem estar. Obrigada por darem um significado tão lindo à palavra ‘saúde’. À meus amigos de Aracaju, sou extremamente grata e feliz por ter conhecido vocês, assim como em Salvador, uma parte de mim fica em Aracaju com vocês. Obrigada por serem uma rede de apoio tão linda e acolhedora, e por terem tornado esses anos aqui incríveis, apesar de todos os perrengues possíveis. Essa cidade não teria o mesmo significado sem vocês, muito obrigada. Às minhas amigas Lorena, Aninha e Bia, que seguiram seus caminhos em outros lugares, queria que nosso tempo juntas tivesse sido ainda maior do que foi, obrigada por todos os momentos e a nossa cumplicidade. Por nossos momentos de filme, nossas aventuras nos ônibus de Aracaju, nossos almoços sempre tão leves e engraçados, por todos os passeios na orla (e os churros!). Muito obrigada, mal posso esperar para ver vocês novamente. E por fim, agradeço ao meu amor. Meu, obrigada por ser o melhor suporte do mundo, definitivamente esses anos não teriam sido os mesmos sem você ao meu lado. Meus dias foram mais felizes com você do meu lado (nem que fosse a uma chamada de distância). Obrigada por tanto e por tudo. Te amo!

RESUMO

O cenário político dos Estados Unidos é historicamente marcado por uma forte ligação ao movimento miliciano, composto em sua grande maioria por grupos que se apresentam como legítimos defensores dos valores norte-americanos. No entanto, o que se observa nas últimas décadas é a consolidação de movimentos de extrema-direita, em especial nos Estados Unidos após a eleição de Donald Trump, em 2016, através de mobilizações milicianas nacionalistas, populistas e autoritárias. Esse fenômeno está atrelado ao que Brown (2006; 2015; 2018) discute ser a crise da modernidade, descrita como um evento que rompe com ordens tradicionais e gera uma profunda insegurança ontológica em setores da sociedade que historicamente ocupavam o topo das hierarquias sociais. Insatisfeitos com a perda de certos privilégios e pela desilusão de uma ascensão social que lhes foi prometida no passado, esses setores populacionais reagem por meio de movimentos radicais, atos de terrorismo doméstico, e principalmente, formação de milícias. Nesse sentido, por meio de uma investigação bibliográfica acerca das produções teóricas e conceituais sobre milícias, masculinidade, paramilitarismo, crise da modernidade, e pela análise das principais declarações públicas de Donald Trump e do grupo miliciano Proud Boys, argumentamos que é possível estabelecer uma ligação entre a ascensão de milícias de extrema direita nos Estados Unidos e a retórica populista de Donald Trump durante o seu primeiro mandato (2017-2021), partindo do entendimento que essa ascensão está atrelada a uma crise da modernidade.

Palavras-chave: Estados Unidos da América (EUA); Extrema Direita; Masculinidade; Milícias; Modernidade.

ABSTRACT

The political landscape of the United States has historically been marked by a strong connection to the militia movement, composed largely of groups that present themselves as legitimate defenders of American values. However, what has been observed in recent decades is the consolidation of far-right movements, particularly in the United States after the election of Donald Trump in 2016, through nationalist, populist, and authoritarian militia mobilizations. This phenomenon is tied to what Brown (2006; 2015; 2018) discusses as the crisis of modernity, described as an event that breaks with traditional orders and generates profound ontological insecurity among sectors of society that historically occupied the top of social hierarchies. Dissatisfied with the loss of certain privileges and disillusioned by the unfulfilled promise of social mobility, these population sectors react through radical movements, acts of domestic terrorism, and, most notably, the formation of militias. In this sense, through a bibliographic investigation of theoretical and conceptual works on militias, masculinity, paramilitarism, and the crisis of modernity, as well as an analysis of Donald Trump's main public statements and those of the militia group Proud Boys, we argue that it is possible to establish a connection between the rise of far-right militias in the United States and Donald Trump's populist rhetoric during his first term (2017–2021), based on the understanding that this rise is linked to a crisis of modernity.

Keywords: Far Right; Masculinity; Militias; Modernity; United States of America (USA).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATF	Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives (Departamento de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos)
BLM	Black Lives Matter (Vidas Negras Importam)
CSIS	Center for Strategic & International Studies (Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais)
DHS	Department of Homeland Security (Departamento de Segurança Interna)
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau of Investigation (Departamento Federal de Investigação)
LGBTQ+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e outras identidades
MAGA	Make America Great Again (Tornar a América Grande Novamente)
POC	People of Colour (Pessoas de Cor; Pessoas não-brancas)
POYB	Proud of Your Boy (Orgulhoso do Seu Garoto)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A CRISE DA MODERNIDADE E A FORMAÇÃO DAS MILÍCIAS	17
2.1 A crise da modernidade	18
2.2 O contexto histórico das milícias nos Estados Unidos	23
3 MASCULINIDADE, VIOLÊNCIA E IDENTIDADE NAS MILÍCIAS	29
3.1 A insegurança ontológica e a masculinidade tradicional	29
3.2 A construção paramilitar como resposta à crise de identidade	32
3.3 Supremacia branca e rejeição da modernidade inclusiva	35
4 A RETÓRICA DE TRUMP E A LEGITIMAÇÃO DAS MILÍCIAS	38
4.1 A retórica de Trump e a glamourização da violência	39
4.1.2 Análise das declarações públicas dos Proud Boys no governo Trump (2016–2021)	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

As últimas décadas presenciaram a ascensão de movimentos de extrema direita, a exemplo e em especial nos Estados Unidos, após a primeira eleição de Donald Trump, em 2016, através de mobilizações nacionalistas, populistas e autoritárias. Esse fenômeno está atrelado ao que Brown (2006; 2015; 2018) discute ser a crise da modernidade, a qual é ligada a um senso de instabilidade devido às transformações no cenário global, decorrendo de um conjunto de eventos que constatarem como a modernidade não é apenas uma linha de progressos, mas também pode ser entendida como uma série de “descontinuidades”, que podem destruir instituições e gerar um ritmo de mudança extremo (Giddens, 1991). Nesse ritmo, rápido e de escopo sem precedentes, a modernidade segue, exigindo que os indivíduos se adaptem constantemente a um mundo marcado pela dúvida institucionalizada.

Dentre as inúmeras mudanças e consequências decorrentes desse cenário, certos aspectos como a insegurança, a masculinidade e o paramilitarismo ganham espaço e ajudam no fomento de um terreno fértil para que movimentos reacionários se construam e se estabeleçam nos Estados Unidos (Agius; Rosamond; Kinnvall, 2020). Esse quadro decorre a partir de um contexto no qual setores da sociedade estadunidense, que historicamente ocupavam o topo da hierarquia social, veem as transformações socioeconômicas, demográficas e culturais como uma ameaça existencial e, por isso, se encontram em um estado de ansiedade constante, na qual suas identidades e sentidos de pertencimento são postos em xeque pelas forças da crise (Preyer, 2013).

Sendo assim, blindados por uma desilusão de uma ascensão social que lhes foi prometida no passado e por uma percepção de que seus privilégios e status foram “roubados” ao decorrer do tempo por minorias sociais, esses indivíduos almejam o ressurgimento de uma sociedade que os reconhecem e que os validam. Dessa forma, buscando alcançar o retorno de um passado mítico, eles reagem por meio de movimentos radicais, atos de terrorismo doméstico, e principalmente, formação de milícias.

A presença de milícias nos Estados Unidos é bastante recorrente, remontando desde do século XVII como uma das principais bases constitucionais da nação até as décadas mais recentes, com grupos como os Proud Boys¹ carregando em suas crenças os ideais milicianos, como os mitos fundadores da Revolução Americana de 1776 (Izecksohn, 2015; Mulloy, 2004). Seguindo nessa linha, as milícias se baseiam no passado como um tipo de

¹ Atuando como uma milícia de extrema direita, e exclusivamente neofascista, masculina e cristã, os Proud Boys são uma organização fundada em 2016 por Gavin McInnes, também conhecido por ser o cofundador da VICE Media, durante a campanha presidencial de Donald Trump para o seu primeiro mandato, que durou de 2017 até início de 2021 (Davallet, 2024; Wolfson; Stall, 2021).

"ancoradouro estável" contra as incertezas do presente. Essa noção pode ser percebida até mesmo na linhagem miliciano moderna, que se consolidou de forma mais intensa no pós-Guerra do Vietnã, especialmente através de noção de traição das elites políticas e por um projeto de "remasculinização" nacional (Belew, 2018).

Outros eventos também atuaram como importantes catalisadores para o estabelecimento miliciano, como os cercos de Ruby Ridge e Waco na década de 1990². Esses momentos alteraram o ressentimento daqueles que viam a onda de mudanças como uma ameaça existencial, transformando-o em uma cultura de vigilância armada fortemente oposta ao governo federal, visto por esses grupos como ameaça aos direitos individuais e à soberania do homem branco e cristão (Galicia, 2023; Dowless, 2022).

Nessa perspectiva, o fenômeno miliciano, que move tantos indivíduos – em especial homens brancos e cristãos –, não se limita apenas às ações de grupos e organizações isoladas, mas também é retratado nos discursos populistas e na retórica de figuras como Donald Trump – que é considerado uma das principais peças representativas desses movimentos radicais desde a sua primeira eleição em 2016. Por isso, o encontro entre a tradição paramilitar³ miliciano e a retórica discursiva de Trump representou uma intensa mudança de paradigma no cenário estadunidense, convertendo o sentimento de insegurança em um projeto político de restauração identitária, ao mesmo passo que forneceu às milícias a validação institucional que lhes faltava (Kimmel; Ferber, 2000; Galicia, 2023). Esses discursos nutrem a ideia da existência de uma ameaça à integridade dos bons homens cristãos, que compõem e construíram a sociedade estadunidense, e fomentam inseguranças ontológicas. Essas, por sua vez, contribuem no sustento das narrativas de perda de poder diante as mudanças demográficas, políticas e culturais no cenário norte-americano que ocorreram ao longo das décadas em decorrência de eventos como a globalização.

Sendo assim, percebe-se como manifestações radicais abrem cada vez mais espaço para que certos movimentos, como é o caso do movimento miliciano, articulem suas intenções e sua expansão pelo território estadunidense, propagando uma ideologia de

² Esses cercos foram fundamentais para o surgimento do movimento de milícias nos Estados Unidos. O cerco de Ruby Ridge ocorreu em 1992, em Idaho e envolveu um impasse, seguido de tiroteio entre agentes federais e a família de Randy Weaver, considerada separatista branca, resultando na morte da esposa e do filho de Weaver. Já em Waco, no Texas, ocorreu em 1993 e foi um cerco de forças policiais militarizadas, o FBI e o AFT, ao complexo de Branch Davidians, considerado um grupo separatista religioso (Belew, 2018).

³ Para essa análise, entendemos o 'paramilitar' ou o paramilitarismo como uma organização de grupos não estatais que imitam as estruturas, uniformes, disciplinas e armamentos característicos de forças militares regulares com o objetivo de promover agendas ideológicas. No contexto da extrema direita, o paramilitarismo é um fator impulsionado por uma noção de "masculinidade militarizada" que glamouriza a violência física como ritos de honra cruciais para a defesa da civilização ocidental de ameaças existenciais percebidas (Belew, 2028; Davallet, 2024).

supremacia branca, autoritarismo e nacionalismo radical. Dentre esses grupos, os Proud Boys ganharam um grande destaque, ascendendo dentro do cenário político trumpista, atuando como uma materialização direta do ressentimento que permeia as narrativas milicianas (Davallet, 2024). Desse modo, por meio da noção da “securitização da masculinidade”, eles buscam oferecer uma resposta estratégica às diversas incertezas da vida contemporânea que foram radicalizadas perante um contexto de crise da modernidade e inseguranças.

Surgindo como um grupo de apoio a Donald Trump, focado em espaços digitais e encontros sociais, a milícia se descreve formalmente como uma irmandade de "chauvinistas ocidentais que se recusam a pedir desculpas por criar o mundo moderno" (McInnes, 2016, tradução nossa). Apesar de tentarem se apresentar socialmente como apenas uma organização cívica, eles ainda são classificados por agências, a exemplo o *Federal Bureau of Investigation* (FBI), como um grupo extremista com laços com o nacionalismo branco, assim como também são designados como entidade terrorista no Canadá e na Nova Zelândia (Nguyen; Gokhale, 2022).

Nessa linha, a trajetória dos Proud Boys foi marcada por uma série de escaladas entre visibilidade e agressão. Com a participação de membros do grupos em marchas – como a “*Unite the Right*” em Charlottesville, em 2017 – e em ações contra movimentos de esquerda, como Antifa⁴ e *Black Lives Matter*⁵, os Proud Boys buscavam por confrontos físicos contra minorias sociais sob a justificativa de estarem agindo em “auto defesa” da suposta verdadeira civilização ocidental (Park, 2022). Para além desses momentos, o grupo executou um papel fundamental e coordenado na invasão ao Capitólio dos EUA em 2021, evento que resultou na prisão e condenação de seus principais líderes, como Enrique Tarrio, por conspiração sediciosa e ato de terrorismo doméstico (Wolfson; Stall, 2021).

Diante esse cenário, é notório que uma das principais formas de assentamento identitário do grupo se baseia em torno do uso da violência e de aspectos que se voltam para questões de masculinidade e de supremacia branca. Isso é evidenciado na própria estrutura hierárquica dos Proud Boys. Baseado em ritos de passagem violentos, feitos para testar elementos tais como a lealdade e a virilidade dos homens que desejavam fazer parte do grupo, o grupo possui quatro graus de iniciação. Inicialmente, como primeiro teste para ingressar nos Proud Boys, o recrutado deve declarar publicamente sua lealdade ao credo do chauvinismo

⁴ Antifa é um movimento que tem como objetivo principal combater o facismo e o racismo, e utiliza do uso da força física como ferramenta legítima de resistência contra ideologias autoritárias (Jones et al, 2020).

⁵ Black Lives Matter (ou ‘BLM’) é um movimento social que luta contra o racismo estrutural e suas consequências, como a violência policial. O movimento se mobiliza por justiça social, equidade e a proteção dos direitos humanos da população negra no mundo, mas em especial nos Estados Unidos (Nguyen; Gokhale, 2022).

ocidental. Como segundo teste, o indivíduo deve passar por um ritual físico, em que ele é espancado por outros membros até que consiga nomear cinco marcas de cereais matinais, como também deve jurar abstinência de masturbação (política conhecida como "#NoWanks"); Já o terceiro teste requer que o indivíduo faça uma tatuagem com símbolos ou frase que façam referência ao grupos, como "POYB" (*Proud of Your Boy*)⁶ ou "Uhuru" ("liberdade" em suaíli). E, por fim, o quarto e último grau de adesão ao grupo é alcançado por aqueles que se envolvem em uma "luta pela causa", geralmente traduzida como atos de violência física contra oponentes políticos em manifestações (Kitts, 2022; Dowless, 2022; Davallet, 2024).

Desse modo, partindo de uma crença na superioridade da civilização branca e cristã sobre todas as outras, assim como destaca Genova (2020), os Proud Boys promovem uma visão de mundo fortemente misógina e racista, que defende o retorno a papéis de gênero rígidos dos anos 1950, nos quais as mulheres são "veneradas" apenas enquanto donas de casa submissas, e põe minorias e imigrantes como animais que estão invadindo e infestando os Estados Unidos.

Sob essa perspectiva, entende-se que a expansão desses movimentos e milícias de extrema-direita representam um risco para a estabilidade democrática dos Estados Unidos, que além de ser alimentada por uma nostalgia e um anseio do retorno do que Gamble (2019) discute ser a suposta "era dourada" da modernidade, articula elementos tradicionais de supremacia racial, paramilitarismo e masculinidade, utilizando a Constituição dos EUA como um símbolo para legitimar e reforçar suas ideologias racistas e nacionalistas. Dentre esse cenário, a figura de Donald Trump trabalha como um catalisador fundamental, movendo essas narrativas, que antes estavam na periferia, para o centro do poder estadunidense, cada vez mais alinhadas ao governo após tantos anos de uma postura antigovernamentalismo. Através de elementos, como a sua retórica de "*Make America Great Again*" (MAGA), Trump capitaliza na nostalgia de um passado ideal ao mesmo passo que cria a imagem ideal do "homem forte" reacionário: branco, agressivo e sem remorsos (Galicía, 2023; Davallet, 2024).

Posto isso, entender a ascensão desse fenômeno é também analisar se essa crise da modernidade é somente uma repetição de atos históricos ou é o surgimento de um novo contexto internacional que nos informa novos temas para pensar a violência na sociedade contemporânea. Dessa forma, nesta monografia buscamos investigar, a partir do entendimento de que a ascensão de movimentos de extrema-direita está atrelada a uma crise da

⁶ A ideia do "POYB" (*Proud of Your Boy*) advém do filme *Aladdin* da Disney, e foi utilizada a partir de uma piada por McInnes como inspiração para o nome da organização. Ao fazer isso dessa denominação, McInnes buscava ridicularizar o que considerava a "efeminação" da sociedade moderna (Davallet, 2024).

modernidade, o modo em que a retórica populista de Donald Trump, articulada através de discursos que exploram os sentimentos de ansiedade, traição, insegurança e nostalgia identitária, fortaleceu e engajou a mobilização e legitimação de milícias de extrema direita.

Para a condução desta pesquisa foi adotada uma abordagem qualitativa, em que as metodologias trabalhadas se centram em uma análise documental e histórica, com foco em uma análise das principais declarações públicas do Gavin McInnes, líder dos Proud Boys, e do presidente Donald Trump durante o seu primeiro mandato presidencial até o período de invasão ao Capitólio (2017-2021). Com isso, buscamos compreender, de um modo mais abrangente, a ligação entre o crescimento de grupos milicianos e de atos de violência pública estabelecidos durante o primeiro mandato do governo Trump.

Como critérios para a seleção das fontes, foram delimitados os principais atores e canais de influência que guiariam a pesquisa, neste caso sendo o Gavin McInnes e Donald Trump, juntamente a uma demarcação das palavras-chave, como milícias, masculinidade, paramilitarismo e modernidade, utilizadas para a coleta de dados, a fim de filtrar o conteúdo relevante em artigos, sites, revistas e pronunciamentos realizados pelos atores no decorrer dos anos em análise. Seguindo este ponto, as fontes foram selecionadas a partir do recorte temporal entre 2016 e 2021, mas também a partir de eventos-chave, como a crise fazendeira da década de 1980, o atentado em Oklahoma City em 1995 e o *crash* da bolsa em 2008, que serão posteriormente explicados ao longo dos capítulos.

Assim, para o tratamento dos dados das fontes, houve um processo de sistematização analítica, que consistiu na transcrição de conteúdos audiovisuais, como os vídeos no Youtube produzidos pelo Gavin McInnes, focando na essência semântica do discursos, buscando assim categorizar as falas em eixos fundamentais, como a vitimização masculina, a securitização contra o feminismo e o ódio grupos minoritários, como também a masculinidades alternativas. Para além, utilizamos o critério de corroboração e triangulação, confrontando os registros oficiais de agências governamentais com pronunciamentos em veículos de extrema direita, como Taki's Magazine⁷, realizados pelos atores centrais dessa análise. Por meio dessa linha, procuramos analisar os conteúdos isolados, mas construindo uma linha de continuidade histórica entre os eventos das décadas passadas, e a vanguarda paramilitar contemporânea legitimada pela retórica trumpista.

⁷ Taki Magazine é uma revista on-line de extrema direita, famosa entre grupos extremistas. Em seu site oficial, os principais editores afirmam que a sua “única ideologia é ser contra a cultura lixo imposta a nós pelos *woke*, Hollywood, a grande mídia e os promotores de uma nova ordem mundial.” (Taki Magazine, s.d, tradução nossa).

Ao longo desta monografia, foi realizada uma análise documental dos registros oficiais de agências governamentais, como relatórios realizados pelo *Center for Strategic & International Studies* (CSIS) em parceria com o *Department of Homeland Security* (DHS) dos Estados Unidos, pelo FBI, e pela *House Judiciary Committee* das audiências do congresso sobre extremismo doméstico. Além disso, foram também examinados os principais pronunciamentos entre os anos de 2016 e 2021 feitos por Trump e pela principal representações dos Proud Boys, Gavin McInnes, em jornais, vídeos e revistas – como a *Taki Magazine* e o canal *Rebel News*, no YouTube.

A partir da análise desses documentos, busca-se estabelecer uma relação entre o avanço burocrático de pautas racistas, misóginas, homofóbicas e xenófobas – frequentemente defendidas por milícias de extrema direita –, o crescimento simbólico, físico e midiático do grupo extremista Proud Boys e a retórica trumpista. Por meio disso, a pesquisa propôs-se a demonstrar de que modo esses documentos e discursos podem contribuir para a normalização de atos de violência e para a construção de uma identidade coletiva fundada na nostalgia de uma ordem social hierárquica e na exclusão, principalmente ao serem legitimados por figuras tal qual Donald Trump e ao serem amplificados através das redes sociais.

Em continuidade, a análise histórica foi centrada em uma revisão bibliográfica acerca das produções teóricas e conceituais sobre milícias, masculinidade, paramilitarismo, crise da modernidade e na análise dos discursos durante o período em foco. Nesse sentido, foram analisados capítulos e artigos em periódicos que discutem acerca o histórico da formação das milícias de extrema direita nos Estados Unidos, o que muitos dos participantes desse grupos entendem como modernidade, o forte vínculo com o que os membros dessas milícias entendem como a masculinidade tradicional e uma insegurança ontológica em relação o seu papel em sociedade. Através dessa análise, observamos como esses fatores estão presentes dentre as falas e os ideais promovidos por Donald Trump e seus apoiadores durante o seu primeiro mandato presidencial, além de refletirem os princípios defendidos pelos Proud Boys, como a exaltação da violência, da masculinidade e da virilidade (Kitts, 2021).

Portanto, a abordagem histórica nos permite estabelecer uma linha de continuidade entre a construção das milícias de extrema direita norte-americanas nos anos 1980 e a ascensão dessas e novas milícias no contexto do primeiro governo Trump. Tal abordagem, combinada à sistematização dos discursos de Trump e dos Proud Boys entre 2016 e 2021, nos ajuda a compreender de que forma a retórica de traição, de vulnerabilidade, de ameaça as tradições e de restauração da “grande América” atua como catalisador da radicalização desses

grupos milicianos, apontando os vínculos entre a insegurança ontológica, a masculinidade tradicional e o imaginário político da supremacia branca promovidos por esses grupos.

Logo, nesta monografia, a partir da metodologia adotada, buscamos responder a pergunta: de que modo a retórica populista de Donald Trump (2017-2021) mobilizou e legitimou a ascensão de milícias de extrema direita - como os Proud Boys - a partir da ótica da 'crise' da modernidade?

Para isso, nos seguintes capítulos iremos: (i) caracterizar a modernidade, a crise da modernidade e sua relação com a formação de milícias nos Estados Unidos; (ii) em seguida, buscaremos apresentar a relação entre masculinidade, violência e identidade no contexto das milícias radicais estadunidenses; (iii) e por fim, utilizando os Proud Boys como base de análise, iremos analisar a relação entre Donald Trump e o grupo, buscando destacar o seu entrelaçamento entre as falas e discursos entre ambos.

2 A CRISE DA MODERNIDADE E A FORMAÇÃO DAS MILÍCIAS

Caracterizada por diversas e intensas transformações nos âmbitos político, cultural e social, a construção teórica inicial do fenômeno da modernidade emerge a partir do século XVII, na Europa, ao mesmo passo que novas formas de instituições, práticas e pensamentos surgem e rompem com os arranjos tradicionais daquela época (Giddens, 1991). Em sua formação, ela trouxe consigo um ideal de racionalidade, progresso e instituições sociais específicas, como o Estado-Nação e o capitalismo. Entretanto, a concepção da modernidade implicou sobretudo em uma transformação na percepção do espaço e do tempo, mais especificamente, a sua separação (horários, dias, semanas e anos) e reconfiguração, assim ampliando as possibilidades de mudança e movimento, sejam eles sociais, econômicas, espaciais e culturais, como também boas ou ruins (Giddens, 1991). Nessa linha, a ideia europeia e tradicional do que seria esse avanço da modernidade ficou marcada por contradições e paradoxos, visto que, do mesmo modo que ela promove a liberdade e o progresso, a modernidade também gerou inseguranças e crises de legitimidade nas instituições até então vistas como praticamente inabaláveis, por exemplo, a monarquia.

Partindo desse cenário, percebe-se que, em decorrência dessa complexidade, surgem diferentes interpretações da modernidade, incluindo a noção de que ela não é um fenômeno linear, mas sim múltiplo e heterogêneo, que pode ser concebida de formas distintas em contextos históricos e culturais diferentes (Meyer, 2019).

Perante esse quadro de rápidas transformações e marcado por contradições e paradoxos, outros fenômenos emergem, evidenciando as falhas e limitações do modelo modernista tradicional diante as novas configurações de poder, segurança e conflito na sociedade contemporânea. Nesse sentido, um dos fenômenos que se destaca nesse contexto é a crise da modernidade, caracterizada por ser um conjunto de desafios que surgem ao passo em que os pilares do projeto moderno – como o neoliberalismo – não são mais vistos como satisfatórios (Hinchman, 2019). Dentre os diversos efeitos dessa crise, a emergência e o fortalecimento de milícias de extrema direita são fatores que ganham certa notoriedade por refletirem as fragilidades e as lacunas do Estado na manutenção da ordem social, como também no monopólio do uso da força. Nesse âmbito, esses grupos são postos como um aspecto que – ao surgirem como uma reação as insuficiências em conter a insegurança generalizada e a perda de controle das forças tradicionais – refletem as contradições do processo moderno, desafiando os paradigmas democráticos, além de aprofundar as desigualdades (Kimmel; Ferber, 2000).

Tendo isso em vista, neste capítulo, a fim de compreender a relação entre a crise da modernidade e a ascensão das milícias de extrema direita nos Estados Unidos, iremos analisar o fenômeno da modernidade e as origens da crise da modernidade, como também o processo histórico de formação das milícias estadunidenses. Dessa forma, buscamos assim, analisar o modo em que elas representam uma consequência, mas também atuam como um dos fatores que impactam nas crises de legitimidade e segurança entre diversos homens, brancos e cristãos norte-americanos.

2.1 A crise da modernidade

A modernidade é um fenômeno e um conceito multifacetado, até mesmo confuso, afinal, ele é conhecido por suas diferentes interpretações no mundo acadêmico. Para Giddens (1991), a modernidade é vista como um período marcado por uma ascendente reflexividade social – em que as ações entre os indivíduos são constantemente interpretadas e questionadas – e por uma era de rápidas mudanças sociais. Sendo assim, a modernidade, baseada na ciência e no conhecimento, é posta como força que sempre está em busca pelo avanço.

Já segundo Wolfe (2010), a modernidade é um desenho cultural que surge do Iluminismo, ligando-se aos ideais de racionalidade, autonomia do indivíduo e progresso, mas que também é marcada por uma série de processos históricos, como a formação dos Estados-Nação, o colonialismo e o imperialismo. Dessa forma, nesse contexto, a modernidade é enquadrada como uma configuração de instituições e valores que emergem na Europa e se espalha mundialmente a partir de diversas variações, tópico que inclusive levanta questionamentos sobre uma definição homogênea do termo.

Dentre as suas diversas interpretações, especificamente para essa análise, vamos partir da noção de que a modernidade não é linear. Essa noção representa um desvio de uma visão clássica que, durante muito tempo, foi dominante dentro do discurso acadêmico, e por isso foi difundido como senso comum. Nesse âmbito, essa perspectiva clássica, retratada em parte pelas lentes sociológicas de escritores como Marx e Durkheim, assumiu em diversos momentos, explícita ou implicitamente, que a modernidade seguiria a linha do tempo em uma trajetória singular e tipicamente europeia (Eisenstadt, 2000).

Em sua linha de pensamento, Marx enxergava a história um processo que possuía uma direção geral e era movido por princípios universais e dinâmicos, e por conta dessa visão, a relação entre Marx e a modernidade ainda é definida com a fundação da “grande narrativa” linear e evolutiva das sociedades modernas. Nesse sentido, Marx acreditava que o fator que determina a modernidade é o próprio capitalismo, e a partir de modos de produção

específicos – como o antigo, feudal e o moderno burguês – as sociedades evoluem e se expandem a âmbito global, assim unificando a história mundial, ao mesmo passo que destrói o isolamento nacional (Giddens, 1990; Antonio 2003; Eisenstadt, 2000). Dessa forma, apesar de certas ressalvas, como entender a modernidade também como um processo em que o progresso torna-se inseparável da anomia e da crise, e que pode gerar diferentes formas de "bárie moderna", como a miséria extrema, Marx entende a modernidade a partir de uma trajetória histórica (Sayer, 1991; Antonio 2003); Para ele, o capitalismo é uma fase moderna e contraditória, mas ainda sim transitória, em que há uma linearidade em rumo ao desenvolvimento das capacidades humanas totais, mesmo que suas energias eventualmente acabaram derretendo os fundamentos da própria burguesia.

Assim como Marx, Durkheim também incorpora essa noção de linearidade em seus estudos. Nessa linha, Durkheim associava a noção de progresso linear da modernidade ao que ele intitula como a “lei da história”, entendida como a transição progressiva e contínua da solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica (baseada na divisão do trabalho), dois conceitos também cunhados por Durkheim⁸. Nessa perspectiva, ele entende essa transição progressiva como algo impulsionado pelo crescimento da densidade física e moral nas sociedades; Ou seja, a medida em que há um aumento na concentração das populações e as formas de comunicação tornam-se mais ágeis, a luta pela existência torna-se mais difícil, ocasionando no surgimento de uma necessidade pelo individualismo, fator que Durkheim atribui como um sinônimo da modernidade (Emirbayer, 2003). Dessa forma, para ele a modernidade segue esse modelo transitório, que percorre um caminho para uma maior liberdade moral e de uma especialização crescente, e assim se espalha gradualmente pelas sociedades (Emirbayer, 2003).

Essas noções sustentavam a convicção na inevitável adoção do modelo institucional ocidental – como a democracia representativa e os Estados-Nação – pelas sociedades ao redor do globo, como um passo necessário do processo de modernização, assim mantendo a construção do pensamento que o avanço da modernidade na sociedade global iria seguir uma linha homogênea.

Entretanto, o discurso contemporâneo nos prova que, ao contrário das crenças desses e outros grandes estudiosos, a modernidade não ocorreu de modo homogêneo e linear. Diversos

⁸ Durkheim define a solidariedade mecânica como uma forma de coesão social presente nas sociedades tradicionais, em que a coesão é um resultado da semelhança entre os indivíduos a partir de valores e sentimentos em comum. Já a solidariedade orgânica, ele caracteriza com um tipo de coesão social das sociedades modernas, que se sustenta na dependência mútua, na cooperação e na diferenciação funcional entre diferentes indivíduos (Aron, 1999).

países não-ocidentais – como a China, a Índia e a Turquia – mesmo tomando o projeto ocidental como ponto de referência, passaram por diferentes processos de estruturação de suas sociedades e em diferentes períodos de construção e desenvolvimento; Dessa forma, esses processo ocasionaram assim, no estabelecimento de variados padrões, tanto para o âmbito ideológico, como para o institucional, como a adoção de modelos neo-autoritários de governo e a reinterpretação das tradições (Eisenstadt, 2000; Meyer, 2019). Essa perspectiva nos permite compreender a modernidade como um processo que se articula através da interação entre diferentes tradições culturais que constituem o plano de fundo em que as transformações nas estruturas sociais, econômicas e políticas vão se desenrolando. Sendo assim, apesar de distintos do modelo europeu-ocidental, tais padrões ainda podem ser tidos como modernos, agregando características que carregam traços importantes de suas histórias, culturas e tradições, como estruturas políticas, econômicas, formas de comunicação, além de um senso de comunidade.

A partir dessa noção, entende-se que a modernidade pode ser interpretada como um fenômeno múltiplo e dinâmico, que além de agregar distintos modelos, períodos e lugares em sua concepção, está sempre em progressão. Essa ideia, além de ir ao encontro do que entende-se como a noção “clássica” das teorias sobre a modernidade, assume a percepção que, para entender o mundo contemporâneo, é necessário ver a modernidade como um fenômeno de fases que não acontecem de forma simultânea para todos, mas está sempre em reconstituição de programas culturais e padrões ideológicos e institucionais (Eisenstadt, 2000; Hinchman, 2019).

Portanto, para esta análise, adotamos o entendimento de que a modernidade é um “alvo em movimento”, algo fragmentado e multifacetado, cujos critérios mudam ao longo do tempo. Dessa forma, a modernidade é posta como um fenômeno conjuntural e global, que vive em um processo constante de reconstituição, no qual múltiplas sociedades adotam seus próprios recursos culturais e identitários para transitar pelas transformações que advêm dele, em vez de seguir a trajetória europeia da modernidade.

Considerando o que foi evidenciado até então, o que seria a crise da modernidade? A crise da modernidade pode ser entendida como um estado permanente de instabilidades em razão dos processos de mudanças globais. Nesse momento, assim como descreve Berman (2000), há uma contradição, um paradoxo entre a destruição e a construção, em que o “moderno” é crescer, mas também é a ameaça da destruição de tudo que somos e temos. Desse modo, a crise do que entendemos como a modernidade na contemporaneidade decorre

de uma série de fatores e eventos, e dentre diversos desses aspectos, há um denominador comum: o neoliberalismo.

Dado como uma instituição que se fez onipresente em inúmeras instâncias estatais – como o trabalho, a jurisprudência, a cultura e a educação –, o neoliberalismo é entendido como o regime de políticas econômicas que prevaleceu após o fim da Guerra Fria, promovendo ideais que impulsionaram conversão dos funcionamentos, elementos, significado e caráter político da democracia em elementos econômicos (Brown, 2015, 2019; Gamble, 2019). Seguindo essa linha, a aplicação dos princípios neoliberais em instâncias para além da econômica – tal qual a baixa tributação, a financeirização da economia, a privatização, os mercados de trabalho flexíveis e desregulamentação – estabeleceu condições para que o social popular tornasse um alvo direto, cada vez mais sensível aos efeitos desses princípios, como por exemplo, a erosão dos meios de subsistência tradicionais. Nesse cenário, além de viabilizar a transferência dos objetos que antes eram fornecidos pelo Estado para famílias e indivíduos, fatores como a “empreendedorização”⁹ e a capitalização do capital humano tornaram-se questões motivadoras para o estabelecimento de reformas políticas, que sustentam o aumento de problemáticas, tais como a perda de empregos nos setores manufatureiros tradicionais (Gamble, 2019).

Partindo desse contexto, percebe-se que a adoção de políticas neoliberais, apesar de buscarem uma maior integração econômica global, acabam desafiando a soberania nacional, como também vai de encontro aos valores democráticos (como a igualdade política, a soberania popular e o bem comum), ao priorizar a lógica do lucro e do mercado sobre a sociedade e os seus direitos. Desse modo, o resultado é a intensificação de desigualdades e uma deterioração do tecido social, que abre mais espaço para o assentamento de uma sensação de perda de controle e de identidade coletiva entre a sociedade, que são considerados elementos centrais da modernidade “tradicional” (Gamble, 2019). Um exemplo claro das consequências sociais e econômicas da implementação dos princípios neoliberais pode ser apontada na relação irregular entre uma sociedade regida pelo consumo e pela produção eficiente. Nessa relação, os investimentos em áreas essenciais como saúde, educação, cuidados infantis, seguridade social e moradia sofrem cortes de modo recorrente e tudo passa a ser assimilado como fonte de capitalização – sejam bens materiais, conexões, tempo – mas

⁹ “A empreendedorização é um conceito empregado por Wendy Brown em “In the ruins of neoliberalism: the rise of antidemocratic politics in the West” (2019), que cria um sujeito, que segundo Foucault, é “uma multidão de empreendimentos” ou o que, em sua forma financeira, Michel Feher chama de “portfólio de investimentos em si mesmo”, projetado para manter ou aumentar o valor do capital humano” (Brown, 2019, p. 38).

principalmente, os próprios indivíduos e suas famílias, que se responsabilizam em prover para os seus dependentes, como jovens estudantes, enfermos e idosos (Brown, 2019).

Posto isso, observa-se que a organização social e o modelo de desenvolvimento promovidos pelo neoliberalismo – apesar de ainda emergir na sociedade para muitos como aquele que resgatou o indivíduo trabalhador e suas famílias da força destrutiva da modernidade tardia nos anos 1970 e 1980 – são umas das principais fontes de tensão que rompem com alguns dos elementos centrais que caracterizam a modernidade dita como tradicional (Brown, 2019). A manifestação dessa tensão pode ser apontada na experiência de uma modernidade que opera como um *juggernaut*¹⁰, ou seja, opera como um motor desgovernado de enorme poder, em que embora há a pretensão de guiá-lo, ele ameaça fugir desse controle e assim destruir as bases da segurança coletiva (Giddens, 1990). Nessa perspectiva, a promessa neoliberal de crescimento vem atrelada a um sentimento terror da desintegração no qual o indivíduo desenvolve a sensação de que “tudo que é sólido desmancha no ar” (Berman, 2000). Dessa maneira, através da rejeição de uma ordem liberal que parece não mais corresponder às necessidades das populações e a perda de legitimidade das instituições democráticas tradicionais, ocorre a manifestação do que entendemos como a crise da modernidade, que também pode ser interpretada como a crise da ordem liberal ocidental; Isso acontece ao passo em que o fenômeno neoliberalista esvazia a democracia da substância política, e assim ocasiona em cidadãos vulneráveis e perdidos diante um mercado global instável (Brown, 2015; Meyer 2019).

Como uma resposta à crise, o fenômeno do populismo¹¹ emerge, questionando a narrativa de progresso e de integração global promovida pelo neoliberalismo. Por sua vez, o populismo, além de escancarar essa ordem liberal e auxiliar no crescimento da instabilidade econômica, fomentou uma crise de legitimidade e de sentido da própria modernidade, dando força e suporte para movimentos populistas que buscam pelo retorno do controle e identidade na ordem social e política (Eisenstadt, 2000; Gamble, 2019).

Partindo desse entendimento, percebemos que, ao mesmo passo em que a noção de modernidade, em suas distintas fases, contribui na compreensão da existência de uma

¹⁰ “Juggernaut” é um metáfora cunhada por Giddens (1990), utilizada para descrever a natureza dinâmica e paradoxal da modernidade, buscando assim enfatizar que, para ele, a modernidade é como um mundo em fuga, no qual as instituições atuam de modo instável e reflexivo, barrando qualquer sensação definitiva de segurança.

¹¹ Quando falamos de populismo nesse contexto, estamos nos referindo a ideia de populismo como um “ponto de coesão e de sutura e, ao mesmo tempo, de referência e solidificação, apresentando grande capacidade de mobilização e oferecendo-se como fórmula homogênea a cada uma das realidades nacionais em face das ideologias “importadas”, como uma fórmula autárquica” (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998, p. 985). Dessa forma, entendemos o populismo como uma reação social e política às crises da legitimidade, como também aos efeitos da globalização neoliberal.

diversidade de experiências que ocorrem em diferentes contextos culturais e históricos, ela também pode auxiliar na criação de um solo fértil, que fortalecido por crises estruturais e incertezas, fomenta discursos de exclusão, nacionalismo extremo e autoritarismo, seja através de sentimentos de perda de controle ou até de uma identidade cultural ameaçada (Chakrabarty, 2011; Hinchman, 2019).

Dessa forma, a crise da modernidade pode ser caracterizada como o reconhecimento da existência de múltiplas modernidades, do colapso da premissa de que existe uma única trajetória ou destino aceitável para o desenvolvimento político, econômico e social. Sendo assim, sob a proteção do neoliberalismo, o desmantelamento do ‘social’, que age em favor de uma liberdade privada, gera uma intensa crise de sentido, que tem como resultado uma forte insatisfação de uma elite social hierarquizada (Brown, 2019). Ou seja, a crise é o evento em que setores da sociedade, insatisfeitos com a perda de certos privilégios – devido à implementação de políticas que buscam por equidades sociais – e pela desilusão de uma ascensão social que lhes foi prometida no passado, reagem por meio de movimentos radicais (Brown, 2006; 2015; 2018). Essa reação violenta pode ser entendida como uma representação do conceito de "frankenstein neoliberal" cunhado pela Wendy Brown (2019), em que, ao reduzir a noção de liberdade a um licenciamento individual desordenado, a racionalidade neoliberal moldou indivíduos que enxergam na violência armada uma forma legítima de expressar sua independência diante e contra um Estado que não protege mais os seus privilégios tradicionais, como as hierarquias sociais. Dentre esses indivíduos, as milícias radicais de extrema direita possuem um grande destaque no cenário estadunidense, visto que, além da formação de milícias nos Estados Unidos ser um fenômeno enraizado na história do país, os seus membros são uma representação direta e bastante clara da insatisfação com o contexto social moderno; Em resultado disso, eles buscam atuar em resposta as suas frustrações através de atos de terrorismo doméstico, como houve em Oklahoma City em 1995 e, mais recentemente, em Washington, D.C. em 2021. Dessa forma, como forma de recuperar um controle que eles acreditam que lhes foram roubados, as milícias ganham espaço no cenário político e social estadunidense, construindo suas narrativas em torno de uma nostalgia da suposta “era dourada” dos Estados Unidos, e utilizando da violência como principal fonte de reafirmação cultural e identitária.

2.2 O contexto histórico das milícias nos Estados Unidos

Na construção identitária da sociedade norte-americana, um dos seus princípios mais importantes está na relação entre os militares e a sociedade civil, mais especificamente o

controle civil sobre os militares. Essa noção, além de ser uma das bases constitucionais para a estruturação da identidade nacional estadunidense ao longo dos séculos XVII e XIX, é considerada um dos principais fundamentos para a existência de companhias milicianas (Izecksohn, 2015).

Tendo isso em mente, entende-se que o crescimento de movimentos de extrema direita nos Estados Unidos na conjuntura atual do país demonstra ser um fenômeno que está enraizado nos processos ideológicos, históricos e discursivos, que operam e impactam em diversas esferas estatais, como a cultural, a simbólica, a territorial, e claro, a política. Dentre essas esferas, os grupos milicianos vinculados a esses movimentos articulam narrativas que – vinculadas a um contexto histórico de desilusão institucional, trauma militar e crise econômica – endossam a masculinidade hegemônica, a supremacia branca e o constitucionalismo radical para legitimar suas ações e reafirmar seus privilégios diante um cenário global em que eles não se sentem mais no topo da hierarquia social (Nguyen; Gokhale, 2022).

A formação do que conhecemos atualmente dos grupos milicianos nos Estados Unidos é um caso que emerge intensa e, principalmente, durante a década de 1990, época marcada por fortes confrontos entre grupos extremistas e as autoridades federais norte-americanas. Dentre os principais casos que mais importantes, podemos destacar o conflito entre um extremista separatista branco, as autoridades federais e uma família em Idaho, em 1992, além de um culto religioso em 1993, Waco, no estado do Texas – que posteriormente serviu como inspiração para o atentado de Oklahoma City em 1995, que matou 168 pessoas¹² (Institute for Strategic Dialogue, 2024). Entretanto, anos após esse atentado, o movimento miliciano que anteriormente estava em ascensão, entrou em uma onda de recessão, que somente voltou a ganhar forças em 2008, com a eleição presidencial de Barack Obama, e teve o seu verdadeiro ápice com a ascensão de Donald Trump ao poder, e assim se manteve estável, até mesmo após a perda eleitoral de Trump, em 2020 (Institute for Strategic Dialogue, 2024).

No entanto, as razões para a formação desses grupos remonta desde os anos 1970/1980, período em que ocorre uma mudança no cenário econômico do país e uma reorganização do movimento *white power*¹³. Esse movimento foi um catalisador

¹² Considerado o pior ato de terrorismo local na história do país, o atentado em Oklahoma City foi reatado por um ex-soldado do Exército e segurança chamado Timothy McVeigh. Reconhecido por sua ideologia extremista, McVeigh teve como principal motivação para o atentado o seu ódio ao governo federal, que se intensificou em 1993, após o impasse armado em Waco, Texas, que resultou na morte de 76 pessoas (FBI, s.d).

¹³ Estamos nos referindo a mesma ideia de “white power” utilizada pela Kathleen Belew (2018), na qual se refere a um movimento que reunia membros da Ku Klux Klan, milícias resistentes radicais aos impostos, separatistas brancos, neonazistas e proponentes de teologias brancas, como a Identidade Cristã, o Odinismo e o Dualismo.

importantíssimo diante as experiências coletivas de frustração e vulnerabilidade que diversos homens estavam sentindo após a Guerra do Vietnã e as crises econômicas que cresceram ao longo dos anos, reunindo indivíduos que estavam se sentindo traídos por suas lideranças militares e políticas e viviam o declínio do bem-estar social, ao mesmo passo do avanço de pautas progressistas que não lhes cabiam (Belew, 2018) .

Seguindo nessa linha, um dos principais fatores que contribuiu para a emergência desse sentimento e do movimento miliciano nas décadas seguintes foi a crise fazendeira na década de 1980. Marcada por uma reestruturação mundial do ambiente rural, a crise deixou muitos trabalhadores vulneráveis – entre a pressão do capital corporativo e o governo federal – e com um sentimento de traição por parte do governo, que anteriormente lhes transmitia a possibilidade da realização do sonho americano de mobilidade social (Kimmel; Ferber, 2000). Nessa lógica, coincidindo com a crise econômica iniciada em 1973, a crise fazendeira foi profundamente marcada por uma série de problemáticas, como o declínio dos salários reais, as recentes mudanças tecnológicas, a redução de funcionários e o aumento da desigualdade entre ricos e as classes média/baixa, que ocasionaram em um intenso espiral de endividamentos, execuções hipotecárias, mas principalmente, de insegurança econômica diante o que estava sendo o pior estresse financeiro desde a Grande Depressão (Kimmel; Ferber, 2000).

Nesse sentido, minados por esse sentimento de insegurança sobre a sua masculinidade, sobre o seu “dever” como chefes e provedores de suas famílias, esses homens – em sua maioria brancos, héteros, cristãos e rurais – começaram a se agrupar em milícias como uma resposta a esse sentimento. Nessa perspectiva, utilizando como retórica a masculinidade e seus conhecimentos de guerra para estabelecer redes paramilitares – esses indivíduos buscaram, assim, entender a sua situação e se proteger em meio a essa nova onda de modernidade¹⁴, seja atrelando a culpa a si próprios, ou ao governo pela disseminação dessa insegurança e vulnerabilidade, que acarretou no desenvolvimento de uma suspeita em relação a este último, à medida que seu próprio valor, noção de pertencimento e esperança no futuro se deterioraram nesse quadro social (Belew, 2018). Nesse cenário, as milícias tornaram-se espaços em que tais indivíduos canalizavam suas ansiedades e frustrações, além de promoverem uma personificação desses sonhos anteriormente destruídos e uma difusão de uma ideologia de supremacia racial e radical diante os avanços de pautas que consideravam

¹⁴ Quando falamos acerca a ‘nova onda de modernidade’, estamos nos referindo a 4ª onda de modernidade, noção empregada por Hinchman (2019), em que ele a caracteriza como mais recente onda de modernidade, tendo início por volta da década de 1970, período em que, devido ao lento crescimento da economia, alto desemprego e a duradoura inflação, foram introduzidas uma série de medidas políticas alinhadas ao projeto neoliberal, tanto nos Estados Unidos, como em países europeus, como foi o caso da Inglaterra e Alemanha

ameaçadoras à existência da identidade branca tradicional, como o feminismo, os direitos civis, a igualdade de gênero e o multiculturalismo (Kimmel; Ferber, 2000; Belew, 2018).

Outro fator importante a ser destacado na disseminação miliciana no cenário norte-americano é a influência das políticas econômicas e sociais implementadas durante o Governo Reagan nos anos 1980. Vistos como "os filhos rurais de Reagan", a base de apoio ideológico e eleitoral do conservadorismo do Governo Reagan foi fortemente representada e sustentada pelo setor rural estadunidense, setor que igualmente foi base para o assentamento do que viria ser as milícias da década de 1990 (Kimmel; Ferber, 2000). Conhecido como o período do triunfo da Nova Direita *mainstream*, a Era Reagan, mais especificamente a sua política de moderação, abriu espaço para que o movimento *white power* – que posteriormente se reorganizou em milícias – explorasse uma ascendente onda de descontentamento entre a base eleitoral mais conservadora (Belew, 2018), que enxergavam a moderação do então presidente como uma evidência de que a política convencional não cabia mais no contexto político norte-americano, dada assim como irreversível. Sendo assim, o contexto de descontentamento e a percepção da falha na política estabelecida por Reagan agiu como catalisador indireto para que a onda miliciana crescesse e firmasse cada vez mais.

Contudo, a relação entre esses grupos e o presidente Reagan, apesar de ser contraditória – em vista o seu intenso senso de patriotismo e de apoio ao sistema, embora ainda atrelados a um ressentimento pelo estado federal – também foi carregada pela ideia de recuperação da influência estadunidense no cenário global, na qual acreditavam estar prejudicada devido a atuação estrangeira pelos imigrantes e pela imigração no país. Esse desejo de mudar o panorama nacional deu origem ao famoso slogan do Governo Reagan “*let’s make america great again*”, que posteriormente viria servir de base para o slogan do Governo Trump “*Make America Great Again*” (MAGA), que assim como durante a Era Reagan, buscou defender as políticas protecionistas que marcaram a década de 1950, momento em que os Estados Unidos eram um dos principais fabricantes de produtos no mundo (Le Monde Diplomatique, 2025). Sendo assim, essa relação evidencia que, apesar do movimento miliciano ter entrado fortemente em ascensão novamente com a eleição de Donald Trump em 2016, a sua influência no cenário social e político estadunidense não é uma ordem que surge com Trump, e que assim como ele, outros líderes como Reagan, mobilizaram a máquina do Estado em prol dos valores defendidos pelo movimento.

Em continuidade, a crise financeira de 2008, também conhecida como o *crash* de 2008, foi outro fator central na disseminação dos ideais promovidos pelas milícias extremistas no país nos anos seguintes, e consequentemente na ascensão da extrema direita, do populismo

nacionalista e na rejeição de figuras como Barack Obama também, cujo governo (2009-2017) coincidiu com o período pós-crise e a lenta recuperação da economia. O *crash*, assim como a crise fazendeira na década de 1980, cresceu desilusões acerca os fundamentos do projeto neoliberal, que apesar de ter sido reconfigurado nas décadas anteriores, prometendo prosperidade, foi desacreditado pelas classes médias e baixas do país – os famosos "perdedores da globalização" e principais componentes do movimento miliciano – que se sentiam abandonadas pelas elites cosmopolitas e liberais (Gamble, 2019).

Entretanto, acima das consequências econômicas, assim como na Era Reagan, a questão migratória foi um dos principais motores para o crescimento da política populista extremista, visto que, assim como o multiculturalismo, a imigração tornou-se uma tendência com o advento da globalização e o assentamento do neoliberalismo, fatores que, após a crise e o subsequente lento crescimento econômico, ganharam um novo significado. Partindo dessa linha, utilizando-se da insatisfação e raiva geradas pelas consequências do *crash*, diversos grupos populistas nacionalistas – como é o caso das milícias – cristalizaram-se em volta da imigração, convertendo a indignação perante o estado da econômica nacional em uma questão identitária, posicionando a imigração como uma ameaça aos modos particulares de identidade cultural (Gamble, 2019; Hinchman, 2019).

Nesse quadro, a intensa rejeição à eleição de Barack Obama não foi vista como uma surpresa. Visto como uma representação física do que não os representa, o governo Obama foi o responsável pela gestão das consequências do *crash*, em que a frustração generalizada das classes média/baixa e a lenta e desigual recuperação econômica, foi utilizada como combustível para que grupos milicianos nutrissem uma busca ainda maior por lideranças que fugiam do padrão político que eles entendiam como tradicional (Gamble, 2019).

E, nesse contexto, surgiu Donald Trump. Sendo um modelo representativo ideal dos princípios milicianos, Trump triunfou nas eleições de 2016 como um dos grandes efeitos retardados da crise de 2008 e do fracasso da recuperação em beneficiar amplas camadas da população. Nessa perspectiva, partindo do que Genova (2020) discute, a ascensão de Trump se baseia em uma fuga da realidade, em que a “verdade” torna-se infinitamente manipulável, contribuindo para a exacerbação de um estado de instabilidade permanente, no qual a certeza do que é fato torna-se algo incerto. Desse modo, utilizando dessa tática e de uma retórica autoritária, Trump fomenta e dissemina discursos (baseados em fatos ou não) que endossam a criação de um estado de exceção, em que violências cometidas contra certos grupos minoritários não são mais postas como crimes; grupos esses, que aos olhos das milícias

estadunidenses, representam a nova modernidade que os destituem de suas posições na hierarquia social (Genova, 2020).

Portanto, tanto para Trump, com para grupos milicianos, como o caso dos Proud Boys, a ressurreição de discursos que provoquem uma sensação de pertencimento e que evoquem o autoritarismo representam essa tentativa de retomar uma suposta estabilidade e uma cultura que a nova fase da modernidade constantemente desafia (Quijano, 2007), seja através da promoção da desconstrução de hierarquias tradicionais, bem como a diversidade e pluralidade nos Estados Unidos. Posto isso, assim como destaca Genova (2020), a retórica de Trump, – assim como no famoso slogan de assinatura dele, “*Make America Great Again*” – busca glamourizar a nostalgia norte-americana, de tal modo que essa insegurança, tão presente nessas milícias, se torna *hubris*, ou seja, uma arrogância que mantém essas associações ainda ativas, mesmo após a derrota do Trump nas eleições de 2020.

Em vista desse cenário, percebe-se a importância de entender a forma em que aspectos como a masculinidade, a violência, o paramilitarismo e a insegurança são considerados fundamentais para o crescimento e estabelecimento da forte influência no direcionamento ideológico da retórica trumpista para as milícias radicais nos Estados Unidos. Para os membros dessas milícias e diversos outros homens brancos e cristãos, a trajetória moderna não foi vivida como um progresso, mas sim permeada por uma intensa insegurança ontológica, que cresceu devido a desilusão com as promessas passadas de ascensão social e a perda de certos privilégios tradicionais, como a forte hierarquia social (Galicía, 2023; Agius; Rosamond; Kinnvall, 2020). Dessa forma, esses grupos radicais tornam-se esse espaço de âncora identitária, que permeado por ritos de masculinização e de violência, estabelece um tipo de ciclo vicioso, em que o paramilitarismo, a supremacia racial e o terrorismo são utilizados como elementos restauradores das hierarquias tradicionais estadunidenses.

3 MASCULINIDADE, VIOLÊNCIA E IDENTIDADE NAS MILÍCIAS

A crise da modernidade, como vimos, é frequentemente associada à revolta daqueles que “perderam” com os novos processos de modernização, sejam eles econômicos, e sociais. Nesse sentido, na base dessa onda reacionária, construída e movimentada principalmente por milícias de extrema direita, há uma busca por formas fundamentalistas de identidade, nacionalismo e exclusão, nas quais esses grupos, ao se verem atingidos por uma insegurança de status, falhas de representação política e crises de identidade e reconhecimento, procuram elementos que os ajudem se encaixar em um ambiente sociocultural “hostil” (Meyer, 2019). Partindo disso, dentre os inúmeros elementos que contribuem para o desenvolvimento de um ambiente fértil para o crescimento de crises identitárias e o estabelecimento de milícias nos Estados Unidos – como econômicos e políticos –, a retórica da masculinidade pode ser apontada como um dos principais desses fatores, funcionando como um combustível para a adesão a esses grupos radicais.

Articulada através da violência e de falas que se voltam principalmente para a onda moderna de rejeição dos “valores tradicionais”, a masculinidade é posta por essas milícias como um símbolo de poder e controle perante um contexto social visto como caótico e mergulhado em inseguranças. Nesse sentido, tais inseguranças são reforçadas e impulsionadas por discursos de exclusão, como racismo, sexismo e homofobia, estabelecendo o que Galicia (2023) define como insegurança ontológica. Ao longo desse tópico, buscando analisar a relação entre masculinidade, violência e identidade no contexto das milícias radicais estadunidenses e da crise da modernidade, iremos destacar três pontos principais: (i) verificar como crises identitárias alimentam o desenvolvimento de modelos rígidos de masculinidade; (ii) apontar como grupos milicianos oferecem sentido, pertencimento e restauração simbólica dessa identidade através da masculinidade e da violência; (iii) e analisar como discursos supremacistas sustentam narrativas milicianas anti-inclusivas.

3.1 A insegurança ontológica e a masculinidade tradicional

Com o advento da nova onda de modernidade, novos cenários e desafios emergiram mundialmente, em especial na sociedade estadunidense, que na última década sentiu os efeitos do ressurgimento da extrema direita através de mobilizações nacionalistas, populistas e autoritárias. Juntamente a essa ascensão, houve o desenvolvimento de uma rejeição da masculinidade dita como “tradicional” na sociedade, estabelecendo como consequência, como pontua Galicia (2023), uma insegurança ontológica em homens brancos, cristãos e de classe média que antes se viam no topo da hierarquia social. Sendo um conceito central para

pensarmos no engajamento em milícias de extrema direita e no modo em que esse comprometimento está intrinsecamente ligado a uma sensação de perda de estabilidade identitária, a insegurança ontológica pode ser entendida como uma expressão do movimento de contramodernização¹⁵ engajado por grupos milicianos, que enxergam uma nova onda da modernidade e a globalização como aspectos desestabilizadores do estatuto cultural e social “tradicional”.

Sendo assim, a insegurança ontológica pode ser conceitualmente entendida como o estado de paranoia, ansiedade e incerteza em que há uma contínua e profunda perda de confiança na estabilidade da própria identidade (Galicia, 2023). Esse sentimento, além de ser uma característica principal quando observamos a linha histórica do ressurgimento dessas milícias, também é refletido desde os primórdios do surgimento desses grupos nas décadas de 1970 e 1990, em que eles se tornaram refúgios para que homens brancos e cristãos pudessem construir e manter suas identidades hipermasculinas em um contexto social de mudanças demográficas (Agius; Rosamond; Kinnvall, 2020; Galicia, 2023; Kimmel; Ferber, 2000).

Seguindo nessa linha, nos círculos das milícias e ideologias de extrema-direita, a masculinidade é posta como um sinônimo de poder e um pilar fundamental na mobilização milicianana. Deste modo, uma ameaça à masculinidade é entendida como uma direta ameaça à estrutura de poder tradicional, caracterizada principalmente por atributos ligados à fatores como a autoridade, força, controle e autossuficiência.

Tendo isso em vista, assim como apontam Kimmel e Ferber (2000), percebe-se que o ideal de masculinidade nesses grupos está profundamente associado ao papel de “provedor”, no qual o homem, o chefe de família, deve ser independente, autossuficiente, mas, principalmente, um protetor que sustenta a sua família através do seu próprio trabalho; e que é considerado incapaz quando não consegue preencher esse papel social. Essa noção é bastante exposta em épocas de crise e de transformações nos cenários político e econômico – como o *crash* da bolsa de valores e a eleição de Obama em 2008 –, nas quais, ao não atingirem as expectativas atreladas a esse papel de provedor, diversos homens se voltaram para as milícias em busca do senso de segurança coletiva e controle que elas lhes proporcionaram diante a insegurança ontológica; e assim, a curva da masculinidade¹⁶ entrou em ascensão novamente (Galicia, 2023; Kitts, 2021).

¹⁵ Quando nos referimos ao movimento de ‘contramodernização’, estamos pensando na ideia de um retorno para um modelo anterior ao da nova onda de modernidade, e não em um movimento que rejeita a modernidade em si.

¹⁶ A curva da masculinidade é um conceito adotado por Galicia (2023) para analisar os períodos das atividades milicianas nos Estados Unidos. Ele observou que em períodos em que há uma maior ameaça à masculinidade, há uma maior produção de milícias, ao passo que múltiplos homens buscam recuperar seu senso de controle em papéis masculinos tradicionais.

Mantendo-se paralelo a essa necessidade de suprir esse papel, um elemento que surge como crucial no assentamento dessa insegurança é o neoliberalismo. Como já apontado, o modelo de masculinidade tradicional é, em sua maior parte, definido pela relação do homem com o seu trabalho e sua autossuficiência, ou seja, pela noção do *self-made man* (homem feito por si mesmo). Nela, a sua masculinidade e o seu valor são determinados pela sua capacidade em cumprir o seu trabalho, mesmo em uma situação de vulnerabilidade econômica (Garlick, 2020), como é o caso de muitos homens, especialmente das classes trabalhadoras, pobres ou racializadas. Partindo dessa noção, ainda que na base do pensamento neoliberal a promoção da figura do sucesso individual e do empreendedorismo seja atrelada a um papel masculino — questão que fortalece a noção do papel social do homem como provedor — a realidade das dinâmicas neoliberais na sociedade frustram a plena realização desse papel, ocasionando o rompimento com as expectativas normativas de masculinidade, como também acentua as fragilidades e inseguranças desses homens diante um cenário de instabilidade (Brown, 2019; Garlick, 2020). Dessa forma, a insegurança ontológica presente dentre esses indivíduos, enraizada na dificuldade de manter e sustentar o ideal de provedor, de *self-made man* é então canalizada, tornando-se amplificado ao se ver diante de um quadro com amplas e rápidas mudanças sociais e culturais.

Diante disso, outros fatores como a globalização, o avanço do feminismo, pautas atreladas a comunidades ‘POC’¹⁷, LGBTQ+ e relacionadas a questões imigratórias são apontados por diversos desses homens como fontes de alienação. Nesse sentido, vistos como aqueles que ameaçam os status e as posições desses homens perante a sociedade, esses fatores são caracterizados por darem uma abertura para que espaços de poder na economia e na política. Anteriormente dominados por esses homens, brancos e cristãos, são lentamente, e ainda em sua grande minoria, ocupados por grupos minoritários (Agius; Rosamond; Kinnvall, 2020; Brown, 2015).

Dentre esses fatores, o progresso de pautas voltadas para o feminismo para a diversidade no cenário norte-americano são uns dos coeficientes mais centrais na fomentação da insegurança ontológica nesses homens, que novamente, além de se sentirem ameaçados pela perda de seu status hegemônico, percebem o avanço do feminismo como um ataque direto aos pilares masculinizados da nação estadunidense (Agius; Rosamond; Kinnvall, 2020). Seguindo essa linha, como aponta Wright (2021), buscando sustentar uma contrapartida

¹⁷ O termo ‘POC’ é uma abreviação comumente utilizada nos Estados Unidos que se traduz para “People Of Colour”. Atualmente, esse termo é utilizado para se referir a pessoas negras, marrons, amarelas, indígenas, como também árabes e latinos, e diversos outros grupos minoritários que não se encaixam na categoria de “brancos” no cenário norte-americano (Starr, 2023).

diante o crescimento de uma conscientização acerca de pautas feministas fundamentais – como a desigualdade de gênero e o desenvolvimento de políticas de igualdade – diversos homens e membros de grupos milicianos não somente atacam grupos minoritários, como também utilizam o discurso constitucional conservador dos Estados Unidos para sustentar a supremacia branca de modo implícito, assim legitimando os interesses e identidades brancas e masculinas, enquanto encobrem as raízes racistas e misóginas que embasam essas interpretações. Partindo dessa noção, esses indivíduos se voltam para o passado e para a Constituição como algo sagrado, em que eles – como os legítimos herdeiros dos Pais Fundadores – têm como dever realizar a promessa de uma república cristã, e consequentemente, retomar o poder sobre sua propriedade pessoal e processos políticos, e lutar contra as verdadeiras ameaças à liberdade norte-americanas (Wright, 2021), como políticas de controle de armas, leis ambientais, imigração, e claro, questões feministas.

Desse modo, percebe-se que esses aspectos são fundamentais quando pensamos no desenvolvimento dessa insegurança ontológica e nesse resgate incessante pelo “retorno” da masculinidade tradicional por diversos homens e esses grupos miliciano, visto que, o senso de masculinidade promovido por esses grupos extremistas trabalha como um remédio para o sentimento de insegurança e o de vácuo de poder vivenciados por esses homens, oferecendo uma coesão na estrutura, na rotina e na comunidade ao seu redor, que compartilha dos seus objetivos e interesses (Galicia, 2023).

Sendo assim, a masculinidade surge como uma âncora perante à diversidade contemporânea e, por isso, é posta como uma solução à “ameaça” representada por pautas progressistas, como o feminismo e a diversidade sexual, que desafiam a posição do homem branco e cristão na cadeia social institucionalizada e rejeita a imagem do “pai de família patriótico” como líder ou chefe (Kitts, 2021).

3.2 A construção paramilitar como resposta à crise de identidade

O início da construção do movimento miliciano, como vimos no capítulo anterior, é um caso que ascende principalmente durante os anos de 1970/1980, nos quais a reorganização do movimento *white power* foi um catalisador importantíssimo diante as experiências coletivas de frustração e vulnerabilidade que diversos homens estavam sentindo após a Guerra do Vietnã e as crises econômicas que cresceram ao longo dos anos, reunindo indivíduos que estavam se sentindo traídos por suas lideranças militares e políticas e viviam o declínio do bem-estar social, ao mesmo passo do avanço de pautas progressistas (Belew, 2018).

Nesse contexto, articulando-se redes paramilitares e narrativas que buscavam uma reafirmação do seu poder e dever perante a sociedade, esses homens começaram a se reunir em milícias que reinterpretem o fracasso político e econômico do governo norte-americano como sinal da necessidade e de dever de restaurar uma ordem racial e patriarcal que se foi corrompida diante a nova onda de políticas igualitárias (Kimmel; Ferber, 2000), configurando uma ruptura entre o cidadão branco e o Estado democrático, que somente iria voltar a realmente se alinhar em 2016, com a eleição de Donald Trump para a presidência do país.

A princípio, o uso de uma simbologia e uma infraestrutura paramilitar por milícias de extrema direita vai além de uma estratégia de violência e proteção dos seus membros. Ela é, principalmente, um reflexo direto de uma crise de identidade sentida por seus membros, que tem raízes nessa sensação de perda de status e insegurança na sociedade moderna. Dessa forma, percebe-se que, como forma de se assentar e estruturar, o movimento miliciano buscou construir o seu apelo simbólico por meio de estruturas hierárquicas, de narrativas de vitimização e pelo uso da estética e práticas paramilitares, a fim de reconfigurar a noção do “eu masculino” em forma de oposição aos que eles viam como os inimigos. Seguindo nessa linha, criando uma nova percepção da realidade e dando uma oportunidade de pertencimento para aqueles homens que se sentem marginalizados, esse grupos extremistas criam uma base de atração pelo paramilitarismo, transmitindo narrativas que mostram a precaridade e a emasculação – ligada a derrotas militares, como a Guerra do Vietnã – como um estado específico do homem branco, norte-americano e trabalhador, que, devido às transformações sociais e econômicas, está em perigo de perder o seu lugar na sociedade que vive (Kutner, 2020; Belew; 2018). Como solução para essa precaridade, sendo ela sentida ou imaginada, as milícias promovem entre seus membros uma busca por esforços de securitização voltados para uma estrutura paramilitar de ordem, hierarquia e disciplina, de modo a estabelecer a identidade do grupo e solidificar o sentimento de pertencimento entre eles.

O paramilitarismo cumpre uma função crucial na formação do movimento miliciano, fornecendo – para além de uma infraestrutura de grupos armados e altamente treinados – uma capacidade de violência, que se reflete para mais do que um meio, e sim como uma linguagem de poder e pertencimento entre eles (Kutner, 2020). Tendo isso em vista, a agressividade e a violência são aspectos vistos como indispensáveis na produção dessa identidade hipermasculinizada, principalmente como um reflexo da suposta “feminização” da sociedade moderna. Nessa linha, o paramilitarismo propõe um caminho direto para o que esses homens descrevem ser a “remasculinização da América”, em que a normalização da violência e da militância radical é posta como uma virtude diante a reconfiguração do “eu masculino”. Dessa

forma, seja através da adoção do papel de protetor, da promoção de rituais de luta, ou até mesmo na utilização de elementos militares (Belew; 2018), esses grupos buscam desafiar o sentimento anti-guerra, ao mesmo passo que idealizam sobre as ordens familiares e de gênero que acreditam estarem perdidas diante essa nova fase moderna.

Dessa forma, percebe-se que essa busca de pertencimento por meio da violência, da hipermasculinidade e da militância radical, em contrapartida das mudanças percebidas na sociedade, oferece esse senso de camaradagem, que atrai e mobiliza, tanto veteranos de guerra, como jovens homens brancos, que se sentem encaixados nessa narrativa de vitimização e traição criada pelas milícias. Ou seja, a construção paramilitar atua como o cerne principal da solução das milícias de extrema direita para a crise de identidade masculina; ela deixa de ser vista apenas como um meio para a violência e produz "guerreiros" ou "soldados", que antes estavam em crise, mas agora lutam para restaurar a hegemonia patriarcal e branca e resistir às transformações que desafiam a ordem cultural e racial (Belew; 2018; Kitts, 2021).

Em vista disso, também destaca-se que o assentamento desse elemento pode ser diretamente associado à homofobia, ao racismo e à glorificação da força física, visto que a maioria das bases milicianas norte-americanas operam através da construção da masculinidade como algo agressivo, que deve representar a capacidade de dominação moral e física por parte um homem. Um exemplo desse comportamento pode ser observado entre os Proud Boys, que por meio de processos de iniciações, procuram guiar esses homens a uma exaltação da virilidade, da misoginia e da heterossexualidade compulsória enquanto promovem uma performatização da masculinidade por meio de resistência ao feminismo, celebração da fraternidade masculina e ações violentas como alternativa à convivência igualitária e a sexualidade (Kitts, 2021). Dessa forma, a masculinidade e o paramilitarismo foram caracterizados como eixos fundamentais e simbólicos que legitimam a violência e a identidade coletiva entre as milícias, e são entendidos como instrumentos políticos de reafirmação do *white power* e como um refúgio perante a “crise da modernidade” percebida (Galicia, 2023).

Portanto, as milícias representam uma tentativa de reviver uma idealização da sociedade baseada em aspectos relacionados a supremacia branca, à hipermaculinidade, além da exclusão de grupos minoritários – como as mulheres, POCs, comunidade LGBTQ+, e imigrantes – considerados incompatíveis com “os verdadeiros ideais norte-americanos”, que rejeitam os princípios emergentes na nova onda da modernidade, como a pluralidade, a igualdade e o multiculturalismo.

3.3 Supremacia branca e rejeição da modernidade inclusiva

Como vimos, a construção da identidade branca masculina, por parte das milícias radicais estadunidenses, foi mantida ao longo dos anos por meio de diversos elementos, como a masculinidade, o paramilitarismo, a sacralização do discurso constitucional, bem como a propagação de mitos fundacionais e referências à cultura clássica ocidental, como as sociedades grego-romanas e a idealização do herói romano.

Juntamente a esses elementos, a supremacia branca também possui um destaque fundamental. Constituindo a base central das narrativas milicianas, o ideal de supremacia racial se estabelece como um eixo ideológico dentre esses grupos, fundamentando a noção de superioridade dos homens brancos perante a sociedade que vivem, e por isso merecem privilégios culturais e históricos (Wright, 2021).

Seguindo nessa linha, a concepção da crença na supremacia branca é um fenômeno que possui raízes na formação colonial dos Estados Unidos, período no qual houve processo de institucionalização de uma hierarquia racial, este que findou a relação entre a supremacia racial e o nacionalismo estadunidense. Nesse sentido, a supremacia branca, assim como a masculinidade, se consolidou como um fator que reforça o sentimento nacionalista norte-americano; ele difunde a idealização de que a verdadeira identidade estadunidense habita na sua herança racial anglo-saxônica, na qual homens brancos são aqueles que devem exercer o controle, a força e o domínio (Belew, 2018; Wright, 2021).

Diante disso, percebe-se que esses dois fatores tornam-se intrinsecamente entrelaçados, principalmente em cenários em que a construção da identidade nacional é interligada a elementos considerados tradicionalmente masculinos, como a força, a bravura, a coragem e a proteção da honra nacional. Nesse sentido, o nacionalismo adota a noção da nação como uma extensão da masculinidade coletiva, na qual os homens brancos são postos como os agentes da defesa dos valores culturais (Wright, 2021); eles são vistos com os heróis que lutam e marginalizam grupos considerados “ameaçadores”, como as minorias raciais, étnicas ou de gênero, reforçando uma identidade nacional baseada na força e na superioridade masculina e racial.

Partindo disso, através da crença na supremacia branca, as narrativas milicianas constroem a imagem do “outro” – sejam mulheres, POCs, imigrantes e fiéis de religiões não cristãs – como aqueles que ameaçam a integridade masculina, social e cultural norte-americana, além da hegemonia branca. Sendo assim, os “outros” são considerados aqueles que invocam fraqueza, corrupção e a perda dos valores tradicionais, vistos como um esforço disposto para dissolver, ou até mesmo eliminar a noção da supremacia branca

(Wright, 2021). Desse modo, buscando reafirmar o seu lugar em meio a sociedade e manter o status quo de domínio e exclusão racial, as milícias promovem o desenvolvimento de discursos e práticas que desumanizam a figura do “outro”, através de narrativas, símbolos e ações que fomentam elementos de medo, paranoia e segregação racial.

Para além disso, como já vimos, utilizando da nostalgia como um meio estratégico, as milícias resistem às mudanças da nova onda da modernidade, que abarca questões, como o multiculturalismo, o pluralismo, e principalmente, a desconstrução das hierarquias tradicionais. Seguindo nessa lógica, ao rejeitarem essa nova fase na modernidade, esses grupos milicianos buscam o retorno de uma época em que eles se viam estar no topo da hierarquia social, em contrapartida o cenário que enxergam, que parece dar mais espaço para grupos minoritários que não os representam e desaprovam o que eles entendem como os valores da civilização ocidental (Hinchman, 2019). Nesse sentido, esses grupos milicianos se voltam para o passado e para a Constituição como algo sagrado, em que eles – assim como os legítimos herdeiros dos Pais Fundadores – têm como dever realizar a promessa de construir uma república masculina e cristã, buscando retomar e manter o poder sobre sua propriedade pessoal e processos políticos (Wright, 2021).

Em vista disso, utilizando do discurso constitucional conservador dos Estados Unidos como ferramenta ideológica, as milícias de extrema direita promovem discursos que favorecem a crença na supremacia racial, enquanto também rejeitam os valores da modernidade inclusiva. Perante esse contexto, a Constituição é posta como um elo simbólico entre a apelos a organização paramilitar e a supremacia branca, tornando-se um meio pelo qual as milícias reforçam a ideia de haver uma conexão simbólica entre ser branco e ser americano (Wright, 2021).

Dessa forma, esses grupos buscam sustentar a supremacia branca de modo implícito, por meio de uma reinterpretação da Constituição norte-americana, ressaltando elementos que remetem a uma narrativa originalmente racial e exclusiva, mais associada a imagem do sujeito estadunidense (Wright, 2021). Sendo assim, legitimando os interesses e identidades brancas e masculinas, enquanto encobrem as raízes racistas e misóginas que embasam essas interpretações, as milícias promovem um projeto restaurador de uma suposta ordem natural e legítima, estabelecida na supremacia branca, e respaldada pelo discurso jurídico e constitucional.

Por fim, outro fator associado à disseminação da crença na supremacia branca é o uso da violência. Assim como já foi apresentado, o paramilitarismo é um componente crucial na sustentação identitária das milícias radicais, que assim como na aplicação do ideal masculino,

ele pode ser utilizado como uma ferramenta na defesa da supremacia branca, e como afirmação identitária dessas milícias. Nessa perspectiva, a violência pode ser manifestada e reconhecida tanto por meio de atos simbólicos, como protestos e marchas com símbolos de ódio, como também através de ameaças, sejam elas ataques armados, sabotagem, ou até mesmo, atentados (Belew, 2018). São através desses atos violentos que – tanto milícias, como figuras de poder conservadoras – intimidam grupos minoritários considerados como “ameaças”, ao mesmo passo que fortalecem uma sensação de poder e reforçam a construção de uma identidade de “guerreiros” e “defensores” do seu povo (Wright, 2021). Dessa forma, essa dinâmica de violência atua principalmente como um maneira de coerção e um jeito de estabelecer uma hierarquia baseada na supremacia racial, mas também é vista como um ritual de legitimação, em que grupos extremistas e figuras políticas, como Donald Trump, buscam reafirmar sua existência e dos seus valores.

4 A RETÓRICA DE TRUMP E A LEGITIMAÇÃO DAS MILÍCIAS

Pensando a partir do que foi apresentado anteriormente, observa-se que a retórica de Donald Trump possui um papel de extrema importância na legitimação de grupos radicais, como também na catalisação de discursos de ódio. Isso acontece pois, além de atuar como um fator crucial na conversão da insegurança ontológica em um projeto político violento e discriminatório, a retórica de Trump reflete e conversa diretamente com os ideais e as crenças promovidas pelas milícias de extrema direita desde suas formações iniciais (Galicia, 2023; Kimmel; Ferber, 2000).

Partindo dessa perspectiva, caracterizada pelo uso do “racismo espetacular”, a narrativa política de Trump busca canalizar um ressentimento em homens brancos e cristãos, através do assentamento de uma visão de nação exclusivista, assim fortalecendo a construção de POC’s e de imigrantes como os inimigos (Genova, 2020; Wright, 2021). Dessa forma, ao estabelecer esse rótulo aos imigrantes e refugiados no país, Trump contribuiu com a criação de uma “limiar de indiferença”. Nessa noção, a violência contra esses imigrantes é posta como uma ação necessária para a proteção da nação, ao mesmo passo que viabiliza a fomentação de uma hostilidade racial, que inspirou casos como o massacre de El Paso em 2019 (Genova, 2020).

Seguindo nessa linha, como também já destacado anteriormente, o slogan “*Make America Great Again*” (MAGA) exerce um papel significativo como um dispositivo de nostalgia estadunidense, em que grupos radicais sonham com o retorno da época em que as hierarquias social e racial do país estavam seguras. Dessa forma, por meio dessa retórica, aqueles que se percebiam como os “perdedores na modernização”, começaram a utilizar de primas como a masculinidade e a violência como uma solução para a sensação de que a sociedade tornou-se mais “feminilizada” e “frágil” (Dowless, 2022; DiMuccio; Knowles, 2019). Sendo assim, através dessa lente, atos violentos (armados ou não) passam a ser vistos como uma forma legítima de expressão de independência contra um Estado e uma sociedade que não os representa e acolhem os “inimigos”.

Nesse cenário, percebe-se que a barreira entre o extremismo e a política institucional é rompida, ao passo que Trump sustenta narrativas e sinaliza solidariedade a milícias de extrema direita. Exemplos ocorreram em 2020, em que ele disse “*stand back and stand by*” (recuem e fiquem de prontidão) ao grupo extremista Proud Boys durante o debate presidencial e “*Stop the steal*” (parem o roubo) em resposta aos resultados das eleições presidenciais do mesmo ano (United States, 2021; Chandler, 2022). Nesse contexto, interpretadas como um reconhecimento oficial aos Proud Boys, essas falas resultaram em uma mudança no

paradigma de crença de inúmeras milícias, que deixaram de lado o anti-governamentalismo e abraçaram o “novo” status quo, atuando como forças de segurança para Donald Trump e políticos aliados a ele (Galicia, 2023; Gamble, 2019), como pode ser visto no ataque ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021.

Sendo assim, Trump surge como um combustível para a ideologia das milícias, os Proud Boys e grupos similares. Respaldados na sua linguagem política contra o “politicamente correto”, o multiculturalismo e a imigração, esses grupos reestabelecem uma relação de pertencimento com o governo, que, assim como eles, reforça a existência de uma guerra cultural em andamento que deve ser vencida através e em nome da preservação da América branca, da masculinidade e da fé cristã (Wright, 2021). Logo nesta seção analisamos a relação entre Donald Trump e os Proud Boys, uma das mais movimentadas e famosas milícias de extrema direita nos Estados Unidos e, em seguida, apresentaremos o entrelaçamento entre as falas e os discursos entre ambos.

4.1 A retórica de Trump e a glamourização da violência

Na história, inúmeras campanhas populistas e autoritárias operaram através da linguagem da violência, buscando converter sentimentos avessos, como a alienação social e a insegurança ontológica, em um projeto político que legitimava a agressão. Esse fenômeno não é recente, ele esteve presente ao longo do século XX em regimes fascistas na Europa que se utilizaram da violência paramilitar como uma ferramenta física (como a Gestapo¹⁸), mas também como um objeto discursivo e estético, operando por meio de uma lógica maniqueísta, entre o "povo virtuoso" e "elites ou estrangeiros corruptos"(Worsley, 1969; Davallet, 2024).

Assim como essas campanhas, o primeiro mandato de Donald Trump (2017-2021) não foi diferente, exibindo estratégias e mecanismos ligados à linguagem da violência, como a ideia de uma “guerra” cultural em curso. Nesse sentido, através de um intenso processo de securitização, o primeiro governo Trump elevou certas questões sociais a posições de ameaças existenciais, ocasionando em uma medidas extraordinárias fora das normas democráticas (Davallet, 2024). Um exemplo claro pode ser visto através da narrativa da “guerra” contra a masculinidade, como vimos nos capítulos anteriores. Através dessa narrativa, ocorreu a mobilização de homens, que devido ao sentimento de marginalização em razão da nova onda

¹⁸ Gestapo foi conhecida como a política secreta durante a Alemanha nazista. Atuando ao lado de organizações como a SA (Sturmabteilung) e a SS, ela foi utilizada como mecanismo de violência sistêmica, a fim de garantir a conformidade social, como também a desmobilização de oposições políticas, assim para induzindo a obediência da população através do terror (Worsley, 1969).

da modernidade, se voltaram para a violência como uma forma de autodefesa diante um “inimigo” comum, como o feminismo e os imigrantes (Wright, 2021).

Portanto, como forma de lutar e se manter firme perante um contexto que eles enxergam como hostil, milícias de extrema direita, como os Proud Boys, e diversos homens brancos e cristãos utilizam metáforas de “invasão” para descrever a presença de imigrantes e POC’s no país, ao mesmo passo que glamourizam um passado fabuloso, a fim de justificar a sua ressurgência na atualidade (Galicia, 2023; Kitts, 2021).

Em vista disso, essa idealização de um passado ideal, a famosa “era de ouro”, pode ser entendida como um dos principais pilares, tanto da retórica trumpista, como das milícias estadunidenses; Ela atua como uma ferramenta crucial na mobilização emocional e política dentre diversos grupos radicais, tais esses que colocam o passado como algo que precisa ser protegido, conservado, e assim, restaurado (Genova, 2020; Dowless, 2022). Essa crença parte de alguns aspectos que foram resgatados por Trump ao longo da sua campanha, e principalmente no decorrer do seu primeiro mandato. Nesse contexto, um dos principais elementos invocados por Trump e seus apoiadores para a manutenção dessa idealização está no seu famoso slogan *"Make America Great Again"* (MAGA). Ao utilizar esse slogan, Trump exprime uma utopia fictícia, normalmente associada às décadas de 1950 e 1960, período em que as hierarquias social, racial e de gênero eram mais rígidas e indiscutíveis (Lounela; Murphy; Bedretidin, 2025).

Juntamente a esse aspecto, a apresentação dos Estados Unidos como resultado do trabalho e esforço dos colonizadores anglo-saxões e a fantasia heróica associada a conflitos armados, como Revolução Americana e a Guerra do Vietnã, conduzem e incentivam essa idealização entre as milícias extremistas, como os Proud Boys, que anseiam por uma época em que a violência era sinônimo de glorificação (Kitts, 2022). Dessa forma, a retórica de Trump, assim como o credo dos Proud Boys, tratam os Estados Unidos como um direito de primogenitura, no qual acreditam ter sido "roubado" por elites liberais e imigrantes ao longo das décadas; Essa visão, ao pôr a história estadunidense como uma "árvore genealógica", reforça o auto-reflexo desses milicianos, que se enxergam como os herdeiros legítimos dos Pais Fundadores e descendentes do espírito revolucionário de 1776 (Wright, 2021; Mulloy, 2004). Sendo assim, nessa narrativa, a nação é tida como uma herança exclusivamente branca, masculina e cristã, que precisa ser protegida contra a queda civilizacional ocasionada pela nova onda da modernidade e pelo feminismo (Pruden, 2022; Galicia, 2023). Ou seja, a imagem de herdeiro atrelada a esses grupos milicianos parte da visão do homem como o herói

protetor, ao passo que eles idealizam o passado a fim de justificar sua transformação em um "guerreiro-santo-mártir", assim como os que lutaram pela independência do país.

Para além disso, a violência presente nessa narrativa também se estende para o âmbito digital. Camuflada através de memes, páginas de humor agressivo e ironia, a retórica miliciana ganhou espaço na internet, mesmo após inúmeros representantes, como o Gavin McInnes e o próprio Donald Trump, terem sido banidos de redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram por terem violado as políticas contra o discurso de ódio e extremismos nas plataformas digitais (Zhong et al., 2024). Dessa forma, permitindo que objetivos e ideais violentos conquistassem o apelo entre diversos jovens, principalmente por meio de plataformas de moderação mínima como o Telegram, esses grupos propagam o que Brown (2019) põe como uma rede de "desinibição social", na qual a violência contra adversários políticos é vista como uma celebração à liberdade individual contra a "correção política".

Paralelamente a isso, a cultura de ódio baseada na supremacia masculina também ainda se faz bastante presente no ambiente digital, com grupos, como os denominados *incels*¹⁹ (celibatários involuntários), propagando discursos desumanizantes que rotulam as mulheres como objetos sexuais e glorificam assassinos em massa, como responsável pelo atentado de Oklahoma City, os elevando a posições de "santos" ou "mártires" (Kelly; DiBranco; DeCook, 2022). Nesse âmbito, essas comunidades online atuam como espaços seguros para esses homens, mas principalmente como incubadoras para a radicalização e aliciamento de grupos paramilitares, de modo que esse ecossistema digital permite que as crenças milicianas sejam disseminadas através de processos, como o famoso "red-pilling" (Kitts, 2021). Dessa forma, enquanto no ambiente virtual, a ideia e o sentimento de injustiça e insegurança gera uma justificativa moral para a violência, no cenário offline, ocorre a celebração de eventos que fortalecem a arrogância e solidariedade entre os grupos no mundo digital, ocasionando assim, em um ciclo de mensagens e ações, que geram novos atos de violência e terrorismo doméstico (Bailard et al, 2024).

Nessa linha, torna-se notória a ligação intrínseca entre a linguagem da violência e a remasculinização do cenário estadunidense, ao passo que milícias radicais e líderes políticos como Trump usam a noção de coragem e força física como forma de atrair aliados a suas narrativas e crenças. Desse modo, utilizando de uma mistura entre a hipermasculinidade, a nostalgia política e uma linguagem belicosa, Trump e as milícias constroem nos Estados

¹⁹ *Incels* é uma abreviação de *involuntarily celibates*, ou celibatários involuntários, que se refere a grupos e comunidades online, compostas em sua maioria por homens héteros, que produzem uma identidade coletiva em torno da falta de experiências românticas e relações sexuais (Kitts, 2021; Lounela et al, 2025).

Unidos um cenário ideológico marcado por um medo da transformação social, ao mesmo tempo que fomentam uma *hubris* armada e reacionária, em que a agressividade é tolerada e celebrada como uma prova de masculinidade (Galicia, 2023; Davallet, 2024). Por meio do estabelecimento desse cenário, eles manifestam a noção de que os mecanismos democráticos são “femininos” e assim, por consequência, fracos, sendo o único caminho para a restauração plena da ordem social o combate masculino direto. Essa linha de pensamento foi o principal vetor para o decorrer de eventos como a invasão ao Capitólio no dia 6 de janeiro de 2021, em que a violência foi posta e incentivada pelas milícias como uma obrigação moral, a fim de paralisar o que eles entendiam ser uma eleição fraudulenta e proteger a integridade da nação (Davallet, 2024; Zhong et al., 2024).

Partindo desse contexto, percebe-se que a retórica política e ideológica de Donald Trump, juntamente à sua comunicação com líderes radicais, por exemplo, o Gavin McInnes, atua como catalisador, reforçando a legitimidade de grupos milicianos, como do grupo em foco dessa dissertação, os Proud Boys. Nessa ideia, como já mencionado, convertendo o sentimento de ressentimento e de insegurança em um projeto político, a retórica trumpista perpassa pelas narrativas dos Proud Boys através de sinalizações presidenciais, como a fala "*stand back and stand by*", como também de mandados oficiais, que ordem a execução de uma política de 'remasculinização' baseada na violência e na vigilância armada (Davallet, 2024; Kitts, 2022; United States, 2021). Desse modo, utilizando dos processos de normalização da violência e radicalização digital como ferramenta de assentamento ideológico, a retórica trumpista legitima grupos paramilitares, ao mesmo passo que reforça a noção da sua necessidade para a proteção do país.

4.1.2 Análise das declarações públicas dos Proud Boys no governo Trump (2016–2021)

Como vimos anteriormente, a construção discursiva dos Proud Boys durante o primeiro governo Trump reflete um período transitório, no qual os Proud Boys migraram de uma narrativa que sustentava a ideia do grupo ser uma "fraternidade de chauvinistas ocidentais" para uma noção de vanguarda paramilitar (Park, 2022).

Para uma breve recapitulação, reconhecidos pelo FBI, agências de segurança e o Departamento de Justiça dos Estados Unidos como uma organização de extrema direita estritamente masculina, os Proud Boys foram fundados por Gavin McInnes, em 2016 (The Guardian, 2018; Department of Justice, 2023). Entretanto, foi somente em 2020 que o grupo ganhou uma maior força e destaque após a famosa instrução dada ao grupo por Donald

Trump, "*stand back and stand by*", em rede nacional durante o debate presidencial no mesmo ano (Wolfson; Stall, 2021). Partindo de laços com o nacionalismo branco, a retórica do grupo, assim como a de Trump, não operou no vácuo. Para que a sua manutenção e disseminação ocorresse, ela teve que ser alimentada por um ecossistema político que glamourizava elementos como a nostalgia e a violência, encontrando em Donald Trump a figura de um salvador da identidade branca, que os guiaria para a nova "era de ouro" dos Estados Unidos (Davallet, 2024; Dowless, 2022).

Seguindo nessa linha, é importante pontuar que, tanto DHS quanto o FBI classificam a supremacia branca e atos extremistas – os quais os Proud Boys têm relações documentadas – como as ameaças terroristas mais persistentes e letais dentro do território estadunidense (FBI, 2019; DHS, 2019). Juntamente a esses dados, o Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS) apontou em uma pesquisa de 2020 que grupos de extrema-direita foram responsáveis por 67% das conspirações terroristas nesse mesmo ano (Jones et al, 2020); Esses dados demonstram que a retórica belicosa fomentada por Trump em direcionamento as milícias criou um ambiente no qual, em posições de oposição, grupos armados reagem uns aos outros, ocasionando em um aumento exponencial a probabilidade de violência fatal. Essa realidade pôde ser vista durante o ataque ao Capitólio em 2021, em que a transição do ideal dos Proud Boys de "fraternidade" para "milícia" foi confirmada, de modo que diversos dos seus membros foram posteriormente condenados conspiração sediciosa; Ou seja, segundo dados do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, haviam evidências do planejamento do ataque que teve como objetivo impedir a certificação eleitoral em apoio à retórica de "*Stop the Steal*" de Trump (Department of Justice, 2023).

Como consequência, percebe-se o alinhamento direto entre as principais declarações públicas feitas por Donald Trump em seu primeiro mandato e os Proud Boys, mais especificamente, o seu líder Gavin McInnes. Converging em pontos como a hipermasculinidade, a nostalgia reacionária e a legitimação da agressividade, ambas as narrativas transformam o sentimento de insegurança ontológica, permeada dentre tantos homens brancos e cristãos estadunidenses, em um projeto de defesa e poder (Galicia, 2023, Kitts, 2021).

Partindo desse ponto, de início, é notório como as principais falas e discursos realizados pelo Gavin McInnes reproduzem uma ideologia atrelada à hipermasculinidade, o chauvinismo ocidental e a uma frequente apologia à violência física, apesar de constantemente passar despercebida sob um tom de "comédia satírica", ou até mesmo de provocações à "correção política" (Kitts, 2022; Chandler, 2022). Isso pode ser visto desde a

fundação dos Proud Boys, definindo o grupo por meio do credo “[Somos] chauvinistas ocidentais que se recusam a pedir desculpas por criar o mundo moderno” (McInnes, 2016, tradução nossa).

Nessa linha, a crença vitimista foi (e ainda é) um elemento crucial na base milicianista e é um principais pontos de frequência pontuados pelo McInnes. Um dos seus exemplos mais famosos no uso do vitimismo com arma estratégica foi em uma comparação no seu artigo intitulado “*Introducing: The Proud Boys*” (Apresentando os Proud Boys) de 2016, no qual ele compara sua posição como um homem branco no tempo presente a de um “comunista lésbico, negro e aleijado em 1953” (McInnes, 2016, tradução nossa). Ou seja, o homem branco é a verídica minoria que vem sendo perseguida na modernidade.

A masculinidade é outro ponto frequentemente trabalhado e mencionado tanto por Trump como por McInnes, sendo uma das bases fundamentais dos Proud Boys. Em falas como “você não é um homem a menos que tenha batido em alguém, levado uma surra, tido seu coração partido e partido um coração” (Park, 2022, p. 183, tradução nossa) ou “Feminismo é um gigante suicida que pretende destruir tradições” (McInnes, 2017), McInnes busca reforçar o posicionamento do feminismo como uma ameaça existencial a identidade masculina tradicional, como também demonstra sua aversão por homens que não seguem o padrão tradicional. Um exemplo claro reside na afirmação: “ser um pai que fica em casa é para perdedores” (Park, 2022, p. 192, tradução nossa).

Para além disso, McInnes também já demonstrou publicamente a sua aversão por POC’s, tendo um extenso histórico de declarações que expressam falas racistas e xenófobas. Em uma delas, ele afirma: “Acho que é justo me chamar de islamofóbico [...] Palestinos são estúpidos. Muçulmanos são estúpidos. E a única coisa que eles realmente respeitam é a violência e ser durões” (McInnes, 2017, tradução nossa). Adicionalmente, McInnes também já demonstrou sua repulsa por homens negros, que apesar poderem atingir o ideal de masculinidade presente nos Proud Boys, eles continuariam sendo apontados como uma ameaça em razão sua cor. Ele diz: “Eu também não gosto de caras negros, eles são muito atléticos e as mulheres gostam deles, eles nem precisam se esforçar” (McInnes, 2017 tradução nossa).

Entretanto, é importante pontuar que diversas falas e provocações não passaram impunes. Ao longo dos anos, McInnes e outros membros da organização foram banidos de múltiplas plataformas digitais, como algumas já mencionadas neste capítulo (Zhong et al., 2024). Como resposta ao seu banimento, ele disse em uma entrevista ao site HuffPost: “Alguém muito poderoso decidiu há muito tempo que eu não deveria ter voz...Finalmente

estou sem plataformas e incapaz de me defender...Não vivemos mais em um país livre" (HuffPost, 2018, tradução nossa).

Como já pontuado, assim como McInnes, as declarações e falas de Donald Trump também demonstram uma constante apologia à violência, ao vitimismo, à masculinidade e a discriminação contra minorias sociais, como as mulheres, as POC's e os imigrantes. Partindo desse princípio, um dos principais exemplos quando pensamos na relação entre as falas de Trump e McInnes está na sua projeção masculina. A retórica trumpista se sustenta especialmente em torno do slogan "*Make America Great Again*", que busca evocar um tempo em que os Estados Unidos era supostamente mais seguro, além de ser uma época na qual as hierarquias sociais eram mais enrijecidas, de modo que os privilégios dos homens brancos cristãos estavam garantidos (Dowless, 2022).

Arelada à masculinidade, a narrativa de vitimismo do homem branco também se faz bastante presente nas declarações de Trump, seja através da disseminação da ideia de que a nação está sendo "roubada" pelos imigrantes e POC's, como também na fomentação da insegurança ontológica em seus aliados e seguidores (Galicia, 2023). Um exemplo emblemático que reflete seu alinhamento a essa narrativa aconteceu durante um comício de campanha em maio de 2016, em que ele afirmou: "Todos os homens estão apavorados de falar com mulheres atualmente. ...Sabe de uma coisa? As mulheres entendem melhor do que nós, pessoal. Elas entendem melhor do que nós. Se [Hillary Clinton] não tivesse jogado a carta [da mulher], ela não teria nada" (DiBranco, 2022, p. 13, tradução nossa). Sendo assim, Trump canaliza e fomenta o sentimento de que o avanço das mulheres e das minorias em certos espaços – no caso de Clinton, o cargo de presidente do país – acontece em detrimento de uma suposta perda de direitos e status dos homens ao longo dos anos.

Diante o exposto, podemos entender que a retórica propagada por Trump funcionou como um estímulo fundamental quando pensamos no processo de militarização e de legitimação dos Proud Boys. Nessa perspectiva, transformando o grupo em uma vanguarda paramilitar ativa, percebe-se que Trump atuou como uma peça central, com falas como o "*stand back and stand by*", impactando intensamente e diretamente no desempenho e no comportamento do grupo, gerando em torno de 90% das demonstrações pró-Trump envolvendo a organização logo após essa fala (Wolfson; Stall, 2021).

O alinhamento discursivo entre Trump e os Proud Boys promoveram uma transformação no papel das milícias no cenário político estadunidense, com as milícias deixando de ser organizações antigovernamentais tradicionais, para agirem como grupos defensores armados da administração Trump. O reflexo direto dessa simbiose retórica tomou

forma no ataque ao Capitólio em janeiro de 2021, demonstrando até que ponto o entrelaçamento entre as narrativas aconteciam e até que ponto elas se ancoravam uma na outra, consolidando a violência física como um dever cívico do cidadão estadunidense e uma ferramenta legítima de manutenção do poder miliciano e Trumpista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a existência de grupos de extrema direita seja algo estrutural na política estadunidense, não há dúvidas de que, após a eleição de Donald Trump em 2016, diversos grupos milicianos radicais sentiram um novo sopro de vida, devido à ascensão política e a mobilização violenta em apoio ao mais novo presidente. Nesse sentido, na busca pela glamourização da nostalgia norte-americana e da projeção da masculinidade no futuro do país, grupos extremistas – como os Proud Boys, que atualmente continuam sendo um dos movimentos que mais oferecem suporte à difusão do trumpismo – conseguiram se manter altamente ativos.

Essa notória resiliência se deu pelo fato do movimento operar a partir da "securitização da masculinidade", assim enquadrando a identidade masculina não apenas como uma preferência cultural, mas também como um objeto de segurança sob ameaça existencial (Devallet, 2024). Desse modo, ao designar o multiculturalismo, o feminismo e as instituições liberais como os “inimigos”, figuras como McInnes e Trump fomentam uma narrativa na qual esses “inimigos” buscam dominar e restringir o homem branco e cristão que construiu os Estados Unidos. A partir disso, eles promovem uma justificativa moral para o uso da violência como forma de defesa do “verdadeiro espírito estadunidense”, que podem ser transmutados de confrontos de rua, a atos de insurreição em ritos heroicos de autodefesa da civilização (Devallet, 2024; Park, 2022).

Outrossim, a ascensão da extrema-direita no cenário estadunidense não pode ser dissociada da crise da modernidade. Atuando como um *juggernaut*, a crise funciona como um forte motor que, ao fragmentar com as ordens ditas como tradicionais, ocasiona um estado de insegurança ontológica (Giddens, 1991). Perante um quadro social que não os acolhem ou reconhecem, grupos que historicamente ocuparam o topo das hierarquias sociais durante décadas – especificamente homens brancos e cristãos – essa nova onda de modernidade é percebida como uma "decadência degenerativa" conduzida por forças feministas e liberais que almejam "castrar" a identidade masculina tradicional em troca de um cenário multicultural (Dowless, 2022; Chandler, 2022). Sendo assim, alimentado por esse contexto de precaridade negativa, um forte ressentimento é instaurado nestes homens, sentimento esse baseado na crença de que o seu status e seu poder foram "roubados" pelo progresso de pautas minoritárias.

Como efeitos da crise, percebe-se que diversos elementos contribuíram para o desenvolvimento de um ambiente fértil para o crescimento de crises identitárias e o estabelecimento de milícias nos Estados Unidos. Nessa conjuntura, o paramilitarismo atuou

como um dos mecanismos de "securitização da masculinidade", no qual a identidade masculina é tratada como um objeto de segurança sob perigo constante, que deve ser defendido sob o uso da força; Por isso, essa ferramenta de defesa foi operacionalizada por grupos milicianos, como os Proud Boys, através da glamourização da violência, o que elevou a agressão física a um rito de honra e uma prova de "verdadeira hombridade" (Park, 2022; Chandler, 2022). Juntamente ao paramilitarismo, diversas milícias adotam a noção de supremacia branca como uma de suas bases constituintes. Os Proud Boys, ao se auto definirem como "chauvinistas ocidentais", eles utilizam um tipo de "dog-whistle" linguístico que, apesar da tentativa de se distanciar formalmente do racismo biológico, acaba servindo como um sustento a retórica supremacista racial ao declarar a superioridade da civilização construída por homens brancos, além de exigir a defesa de um passado mítico e "homogêneo" (Kutner, 2020; Devallet, 2024). Logo, a identidade dessas milícias pode ser entendida como agrupamento de discursos raciais e de gênero, em que a sociedade estadunidense projetada como corpo vulnerável que necessita da proteção de "guerreiros" hipermasculinos.

Por fim, diante desse cenário, a retórica trumpista trabalhou como o catalisador definitivo para a legitimação dessas milícias, movimentando o extremismo da "periferia" para o centro do poder institucional, com a eleição de Trump em 2016. Dessa maneira, capturando o imaginário miliciano ao projetar uma persona do machismo amoral e securitizar a nostalgia através do slogan "*Make America Great Again*", Donald Trump correspondeu ao desejo miliciano de retorno a uma era onde as hierarquias de raça e gênero eram mais sólidas; Isso pôde ser percebido através de sinalizações como o comando *stand back and stand by* ao Proud Boys, que interpretaram a declaração como uma ordem do seu "Comandante-em-Chefe" (Galicia, 2023; Devallet, 2024). Esse evento ficou marcado como o momento em que as milícias passaram a ser defensoras armadas do seu projeto político, em contrapartida às suas posições anteriormente antigovernamentais.

Desse modo, assim como foi analisado ao longo da monografia, o crescimento de uma rejeição à masculinidade dita como tradicional e a crença na ideia da existência de uma ameaça à integridade dos bons homens cristãos funcionam como combustíveis para a retórica de líderes como Trump. Ao reconhecer e explorar esses sentimentos de ansiedade, traição, insegurança e vulnerabilidade desses grupos milicianos, a retórica trumpista promete a recuperação do que foi perdido e o retorno a uma época moderna que eles entendem como segura para eles – seja política ou econômica –, enquanto viabiliza divisões e conflitos que estagnam os verdadeiros grupos minoritários da sociedade.

Entretanto, o efeito nocivo dessa aliança vai para além da retórica. Ela altera o contrato social ao atuar como uma agente que transforma cidadãos em “inimigos” e normaliza o uso do paramilitarismo como uma extensão da vontade política (Genova, 2020). Portanto, ao se colocarem na posição dos “últimos guerreiros” contra uma suposta “invasão” cultural e demográfica, as milícias radicais desafiam a sobrevivência da democracia liberal, ao mesmo passo que estagnam o avanço de pautas de minorias reais.

A herança desse encontro, materializada no ataque ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021 e na transição para ambientes digitais, tais como o Telegram, além de demonstrarem como o ressentimento da modernidade e o culto à força bruta se fundem para desafiar as bases da democracia liberal, marcam como as ideias da nova extrema direita não estão atrás de apenas vencer eleições. Eles buscam estabelecer uma nova ordem autoritária fundamentada na supremacia branca e masculina, bem como no nacionalismo excludente.

REFERÊNCIAS

- AGIUS, Christine; ROSAMOND, Annika Bergman; KINNVALL, Catarina. **Populism, ontological insecurity and gendered nationalism: Masculinity, climate denial and Covid-19**. *Politics, Religion & Ideology*, v. 21, n. 4, p. 432-450, 2020.
- ANTONIO, Robert J. (Ed.). **Marx and Modernity: Key Readings and Commentary**. United Kingdom: Blackwell Publishing Ltd, 2003.
- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 5. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- BAILARD, Catie Snow et al. “Keep Your Heads Held High Boys!”: Examining the Relationship between the Proud Boys’ Online Discourse and Offline Activities. **American Political Science Review**, v. 118, n. 4, p. 2054-2071, 2024.
- BELEW, Kathleen. **Bring the war home: The white power movement and paramilitary America**. Harvard University Press, 2018.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BROWN, Wendy. **Regulating aversion : tolerance in the age of identity and empire**. New Jersey: Princeton University Press, 2006.
- _____. **Undoing the demos: neoliberalism’s stealth revolution**. New York: Zone Books, 2015.
- _____. **In the ruins of neoliberalism : the rise of antidemocratic politics in the West**. New York: Columbia University Press, 2019.
- CHAKRABARTY, Dipesh. The muddle of modernity. **The American Historical Review**, v. 116, n. 3, p. 663-675, 2011.
- CHANDLER, Zachary. **Discourses of Division: An Ethnography of the Oklahoma Proud Boys**. 2022. Tese (Mestrado em Artes). University of Oklahoma, Norman, 2022.
- DAVALLET, Margot. **Boys will be “Proud” Boys: securitizing masculinity in the Proud Boys movement**. 2024. 97 f. Dissertação (Mestrado em International Security Studies) – Faculty of Social Sciences, Charles University, Praga, 2024.
- DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY. **Fact Sheet: DHS Strategic Framework for Countering Terrorism and Targeted Violence**. Washington, D.C.: DHS, 2019.
- _____. **National Terrorism Advisory System (NTAS) Bulletins – Regular alerts that identify white supremacist threats**. Washington, D.C.: DHS, 2022.

DEPARTMENT OF JUSTICE. **Attorney General Merrick B. Garland Delivers a Statement Following the Jury Verdict in the Proud Boys Trial.** Justice.gov, Washington, DC, 4 mai. 2023.

_____. Department of Justice. **Office of Public Affairs: Proud Boys Leaders Sentenced to Prison for Roles in Jan. 6 Capitol Breach.** Justice.gov, Washington, DC, 1 set. 2023.

DIBRANCO, Alex. Mobilizing Misogyny. In: CARIAN, Emily K.; DIBRANCO, Alex; EBIN, Chelsea (eds.). **Male Supremacism in the United States: From Patriarchal Traditionalism to Misogynist Incels and the Alt-Right.** Milton Park, Abingdon: Routledge, 2022.

DIMUCCIO, Sarah H.; KNOWLES, Eric D. **The political significance of fragile masculinity.** Current Opinion in Behavioral Sciences, New York, v. 34, p. 25-28, 2019.

DOWLESS, M. R. **Proud Boys: The Rising Threat of the Militant Right During 2020-2021.** 2022. Tese (Doutorado) – University of Texas at Austin, 2022.

EISENSTADT, S. N. **Multiple Modernities.** Daedalus, [S. l.], v. 129, n. 1, p. 1-29, 2000.

EMIRBAYER, Mustafa (Ed.). **Emile Durkheim: The Sociologist of Modernity.** United Kingdom: Blackwell Publishing Ltd, 2003.

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION. **Confronting White Supremacy.** Washington, D.C.: FBI, [2019]. Disponível em: <<https://www.fbi.gov/news/speeches-and-testimony/confronting-white-supremacy>>. Acesso em: 20 jan. 2026.

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION. **Oklahoma City Bombing.** Washington, D.C.: FBI, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.fbi.gov/history/famous-cases/oklahoma-city-bombing>>. Acesso em: 14 jan. 2026.

GALICIA, Bailey. **Trump ‘24 or Before’: Militias and the Marketplace of Masculinity.** E-InterFnational Relations, 2023.

GAMBLE, Andrew. The crisis of the Western liberal order and the rise of the new populism. In: DE SALES MARQUES, José Luís; MEYER, Thomas; TELÒ, Mario (Ed.). **Cultures, Nationalism and Populism: New Challenges to Multilateralism.** Routledge, 2019.

GARLICK, Steve. The nature of markets: on the affinity between masculinity and (neo) liberalism. **Journal of Cultural Economy**, v. 13, n. 5, p. 548-560, 2020.

GENOVA, Nicholas de. ‘Everything Is Permitted’: Trump, White Supremacy, Fascism. **American Anthropologist**, v. 122, n. 1, 2020.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age.** Stanford: Stanford University Press, 1991.

_____. **The Consequences of Modernity.** Stanford: Stanford University Press, 1990.

HINCHMAN, Lewis P. Time, modernity, and the resurgence of right-wing populism. In: SALES MARQUES, José Luís; MEYER, Thomas; TELÒ, Mario (Ed.). **Cultures, Nationalism and Populism: New Challenges to Multilateralism**. Routledge, 2019.

HUFFPOST. **Proud Boys founder Gavin McInnes says he's been fired from group**. New York: HuffPost, 11 dez. 2018. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/proud-boys-gavin-mcinnnes-fired_n_5c0ea391e4b0edf5a3a75bf8?guccounter=1>. Acesso em: 22 jan. 2026.

INSTITUTE FOR STRATEGIC DIALOGUE. **Militias in the US**. Londres: ISD, 2024. Disponível em: <<https://www.isdglobal.org/isd-explainer/militias-in-the-us/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

IZECKSOHN, Vitor. A experiência miliciana norte-americana: antimilitarismo ou pragmatismo?. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 22, n. 41, p. 83-111, 2015.

JONES, Seth G. et al. **The War Comes Home: The Evolution of Domestic Terrorism in the United States**. Washington, D.C.: Center for Strategic & International Studies (CSIS), 2021.

KELLY, Megan; DIBRANCO, Alex; DECOOK, Julia R. Misogynist Incels and Male Supremacist. In: CARIAN, Emily K.; DIBRANCO, Alex; EBIN, Chelsea (eds.). **Male Supremacism in the United States: From Patriarchal Traditionalism to Misogynist Incels and the Alt-Right**. Milton Park, Abingdon: Routledge, 2022.

KITTS, Margo. Contextualizing the Proud Boys: Violence, Misogyny, and Religious Nationalism. **Oxford Research Encyclopedia of Religion**, [S. l.], 19 out. 2022.

_____. Proud Boys, nationalism, and religion. **Journal of Religion and Violence**, v. 9, n. 1, p. 12-32, 2021.

KIMMEL, Michael; FERBER, Abby L. "White Men Are This Nation:" Right-Wing Militias and the Restoration of Rural American Masculinity. **Rural sociology**, v. 65, n. 4, p. 582-604, 2000.

KUTNER, Samantha. **Swiping right: The allure of hyper masculinity and cryptofascism for men who join the Proud Boys**. International Centre for Counter-Terrorism, 2022.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Tarifaco expõe caráter de velha ideologia da Doutrina Monroe**. São Paulo: Le Monde Diplomatique Brasil, 2025. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/tarifaco-expoe-carater-de-velha-ideologia-da-doutrina-monroe/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

LOUNELA, Emilia; MURPHY, Shane; BEDRETDIN, Ümit. "The Good Years Have Passed and Will Never Come Again": Political Functions of Nostalgic Fantasies in Incel Discussions. **Social Media+ Society**, v. 11, n. 2, 2025.

MCINNES, Gavin. **Feminism kills women**. [S. l.]: Rebel News USA, 2016. Vídeo (11 min 33 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ducNreliCS4>>. Acesso em: 20 jan. 2026.

MCINNES, Gavin. **Introducing: The Proud Boys**. Taki's Magazine, [s.l.], 2016. Disponível em: <https://www.takimag.com/article/introducing_the_proud_boys_gavin_mcinnes/>. Acesso em: 20 jan. 2026.

MEYER, Thomas. Multiple modernities and anti-modernism today. In: SALES MARQUES, José Luís; MEYER, Thomas; TELÒ, Mario (Ed.). **Cultures, Nationalism and Populism: New Challenges to Multilateralism**. Routledge, 2019.

MULLOY, Darren. **Conversing with the Dead: The Militia Movement and American History**. History Faculty Publications, United Kingdom, n. 1, 2004.

NGUYEN, Hieu; GOKHALE, Swapna S. Analyzing extremist social media content: a case study of Proud Boys. **Social Network Analysis and Mining**, v. 12, n. 1, p. 115, 2022.

PARK, Meadhbh. Fight Club: Gavin McInnes, the Proud Boys, and Male Supremacism. In: CARIAN, Emily K.; DIBRANCO, Alex; EBIN, Chelsea (eds.). **Male Supremacism in the United States: From Patriarchal Traditionalism to Misogynist Incels and the Alt-Right**. Milton Park, Abingdon: Routledge, 2022.

PREYER, Gerhard. **The perspective of multiple modernities on Shmuel N. Eisenstadt's sociology**. Theory and Society. Journal of Political and Moral Theory, v. 30, p. 187-225, 2013.

PRUDEN, Meredith L. Watching Awakening: Violent White Masculinity in Cuck. In: CARIAN, Emily K.; DIBRANCO, Alex; EBIN, Chelsea (eds.). **Male Supremacism in the United States: From Patriarchal Traditionalism to Misogynist Incels and the Alt-Right**. Milton Park, Abingdon: Routledge, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality and modernity/rationality. **Cultural studies**, v. 21, n. 2-3, p. 168-178, 2007.

SAYER, Derek. **Capitalism and modernity: an excursus on Marx and Weber**. London; New York: Routledge, 1991.

STARR, Paul. **The re-emergence of "People of Color"**. Du Bois Review: Social Science Research on Race, v. 20, n. 1, p. 1-20, 2023.

THE GUARDIAN. **FBI now classifies far-right Proud Boys as 'extremist group', documents say**. London: The Guardian, 19 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/nov/19/proud-boys-fbi-classification-extremist-group-white-nationalism-report>>. Acesso em: 20 jan. 2026.

UNITED STATES. Congress. House of Representatives. H. Res. 115, 11 Feb. 2021. **Expressing the sense of Congress that the insurrection at the United States Capitol involved acts of domestic terrorism, and condemning the instigating role of the Proud Boys in these acts**. Washington, D.C.: Committee on the Judiciary, 2021.

WRIGHT, Robin. Whiteness, nationalism, and the US constitution: Constructing the white nation through legal discourse. **Annals of the American Association of Geographers**, v. 111, n. 7, p. 2062-2077, 2021.

WOLFE, Joel. **Autos and progress: The Brazilian search for modernity**. Oxford University Press, 2010.

WOLFSON, Aaron; STALL, Hampton. **Actor Profile: Proud Boys**. Armed Conflict Location & Event Data Project, 2021.

WORSLEY, Peter. The Concept of Populism. In: POULANTZAS, N.; WORSELEY, P. (org.). **Populism: Its Meaning and National Characteristics**. Great Britain: The Garden City Press, 1969.

ZHONG, Wei et al. Proud Boys on Telegram. **Journal of Quantitative Description: Digital Media**, United States, v. 4, p. 1-47, 2024.